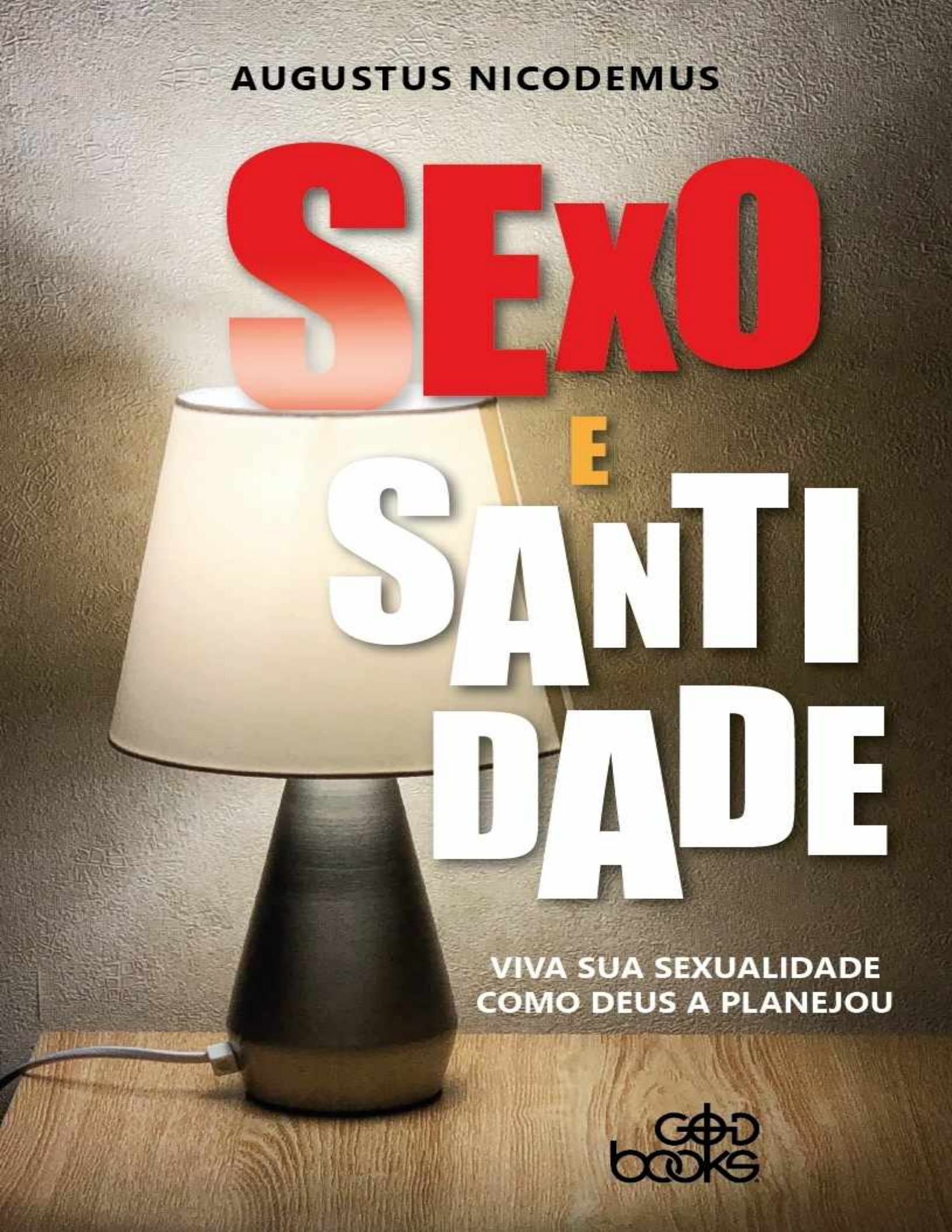
AUGUSTUS NICODEMUS

SEXO E SANTIDADE

VIVA SUA SEXUALIDADE
COMO DEUS A PLANEJOU



GOD books

Sexo e santidade

Viva sua sexualidade como Deus a planejou

Augustus Nicodemus

GodBooks

Direitos autorais © 2020 GodBooks Editora

Copyright © 2020 por Augustus Nicodemus
Publicado por GodBooks

Edição Maurício Zágari
Capa Marcus Nati
Diagramação Luciana Di Iorio

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Transformadora (NVT), da Editora Mundo Cristão, salvo indicação específica. Usado com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

N633C
Nicodemus, Augustus
Sexo e santidade: viva sua sexualidade como Deus a planejou / Augustus Nicodemus. – 1. ed. – Rio de Janeiro : GodBooks, 2020.
1. Sexo. 2. Vida cristã. 3. Família. 4. Espiritualidade. I. Título
CDD: 241.9
CDU: 242

Categoria: Família e sexualidade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
GodBooks Editora
Rua Almirante Tamandaré, 21/1202, Flamengo
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP 22210-060
Telefone: (21) 2186-6400
Home page: www.godbooks.com.br

1ª edição: setembro de 2020

A Minka, minha esposa e companheira de jornada desde 1983.

Índice

Página do título
Direitos autorais
Dedicatória
Agradecimentos
Apresentação
Prefácio
Introdução
1. Sexo antes do casamento
2. Sexo no casamento
3. Pureza sexual
4. Livres da imoralidade sexual
5. O mal da pornografia
6. O não e o sim
Conclusão
Sobre o autor

Agradecimentos

Muitas pessoas colaboraram de alguma maneira para que este livro fosse publicado. Muito do material nele contido foi primeirarmente ministrado por mim em igrejas e eventos, depois foi editado e colocado na internet e posteriormente nas mídias sociais. Daí, foi transcrito, editado e posto na forma de livro. Muitas mãos passaram pelo conteúdo que o leitor tem em mãos antes que ele adquirisse forma escrita. Não poderia deixar de mencionar Wriel Lima, meu colega de trabalho nas redes sociais, e responsável em grande parte pela disponibilização dos conteúdos na internet.

Em especial, quero agradecer a Maurício Zágari, pela iniciativa de reunir essas palestras sobre sexualidade, unificá-las e dar-lhes a forma de livro, o primeiro a ser publicado pela GodBooks — um privilégio para mim.

Toda boa dádiva vem do alto, ensina Tiago, e desce do Pai das luzes (Tg 1.17). Portanto, minha gratidão ao Senhor por mais esse livro, que é publicado com o objetivo de abençoar sua Igreja aqui no mundo.

Apresentação

Falar de sexo em nossos dias não é simples nem fácil. Se, por um lado, há milênios a Bíblia propõe uma ética sexual que aponta para um caminho de pureza e santidade, por outro, a sociedade ocidental do século 21 tem desferido golpes agressivos contra a proposta cristã para a sexualidade sadia. Junte-se a isso a inclinação natural do ser humano pelo pecado e o resultado é nitroglicerina pura.

Manter-se fiel à vontade divina para a sexualidade em uma época de relativismo, hedonismo e secularismo é uma tarefa árdua, que demanda, como nunca antes, total dependência do poder de Deus, a fim de vencer as tentações e os ataques que chegam por todos os lados. E, se nas áreas do pensamento e dos princípios a coisa ganhou proporções antibíblicas, os caminhos para o pecado nunca foram tão aplainados e acessíveis, pegando os incautos em armadilhas para as quais não se prepararam.

É fato que as tentações sexuais existem desde que o mundo é mundo, mas a era da internet proporciona, como jamais na história da humanidade, livre acesso a todo tipo de possibilidade pecaminosa. Materiais pornográficos estão acessíveis a um clique, em todos os gêneros e formatos. Sexo casual fácil está à distância de um aplicativo de celular. Possibilidades de adultério chegam de forma sutil pelas teclas do computador. A coisa não está fácil e é preciso redobrar a vigilância.

Em meio a esse turbilhão, a fé cristã permanece inflexível diante da força dos tempos. Se, em nossos dias, é gigantesca a pressão para que o evangelho ceda às demandas de quem não tem compromisso com as Escrituras, por outro, vozes têm se levantado para alertar a igreja de que ela deve permanecer firme em sua ética e jamais negociar o que, para Deus, é inegociável — afinal, se as

sociedades e as culturas mudam, “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre” (Hb 13.8). E uma dessas vozes é a de Augustus Nicodemus.

Augustus tem sobressaído como uma das principais referências do meio reformado brasileiro, conhecido por militar em prol da ortodoxia bíblica e da leitura estrita das Escrituras. Para quem o ouve, fica claro que ele não se dobra a modismos nem cede a inovações. Seu compromisso é com a fidelidade à Palavra de Deus e ao Deus da Palavra. Por isso, estar atento ao que o Senhor pode dizer por meio de Augustus é um precioso antídoto contra quedas e feridas espirituais.

Em tempos de grande confusão e intensas discussões sobre a sexualidade sadia e seu significado, muitos cristãos acabam imersos em questionamentos sobre como lidar com essa área de sua vida sem negociar a fidelidade a Deus. É possível extrair o máximo de prazer do sexo sem acabar imerso em pecado e culpa? Como podemos ter uma vida sexual plena, intensa e prazerosa diante de nossas inclinações e de uma sociedade que questiona incessantemente o sexo bíblico? É o que Augustus Nicodemus responde neste livro.

A GodBooks tem a alegria e o privilégio de publicar esta obra, com a certeza de que o leitor será enormemente beneficiado por esta leitura transformadora e libertadora. *Sexo e santidade* é profundamente esclarecedor e, enquanto esclarece, confronta, exorta e desafia, mas também conforta, consola e aponta o caminho para a boa, agradável e perfeita vontade de Deus para a sexualidade.

Boa leitura!

Maurício Zágari
Editor

Prefácio

A sociedade sem Deus propõe uma visão equivocada da sexualidade, que destrói vidas e famílias e afeta os poucos e frágeis padrões morais ainda remanescentes. Seguindo essa visão desconstrucionista, a sociedade, além de procurar redefinir o matrimônio, passa a considerá-lo desnecessário. A felicidade, nos dizem, não depende da cerimônia, nem dos votos nela proferidos.

Infelizmente, já notamos reflexos dessas atitudes dentro das igrejas. Não somente os abandonos, o repúdio e o divórcio tornam-se cada vez mais comuns, mas muitos jovens já não dão a importância devida à cerimônia de casamento. Aceitam a banalização e desvalorizam o aspecto dos compromissos solenes proferidos perante Deus, na presença do seu povo. E, com frequência, entregam-se a uma vida dissoluta e imoral, calcada na pornografia.

Como a Bíblia trata essas questões? Como resgatar valores que estão erodindo e a proliferação de uma sexualidade praticada fora dos padrões bíblicos? De forma honesta, direta e bíblica, Augustus Nicodemus aborda esses assuntos pouco falados no meio evangélico e dá inúmeras diretrizes às pessoas e às igrejas.

Não que a questão da educação sexual deva sair da esfera da família — que tem a responsabilidade primordial de orientar os filhos. No entanto, nossa sociedade faz aflorar a curiosidade de crianças e adolescentes e traz à esfera da igreja a necessidade de se ter uma orientação bíblica basilar sobre o exercício da sexualidade sadia. Precisam de orientação tanto as crianças e jovens, como os adultos e, especialmente, os pais. Esses, com frequência, absorvem uma compreensão do tema que foge do bom planejamento de Deus.

Opiniões divergem de claros ensinamentos das Escrituras, danos por vezes irreparáveis acontecem, e igrejas são afetadas até por pecados sexuais cometidos por aqueles que deveriam pastorear o rebanho. Este livro de Augustus é, portanto, extremamente bem-vindo e chega em importante ocasião de grande carência de pureza nas pessoas e nas igrejas brasileiras.

A metodologia do autor é a exposição de textos da Palavra de Deus. Nas palavras de Paulo à igreja em Corinto, vemos o tratamento dessas questões a um grupo de cristãos, cuja igreja presentava diversos problemas, entre estes, um entendimento equivocado da sexualidade e a absorção de uma visão de mundo não cristã. Nada mais contemporâneo para ser analisado e aplicado aos nossos dias. Isso é feito nos três primeiros capítulos, onde ele responde a diversas desculpas utilizadas por pessoas que tentam justificar um proceder divergente da ética das Escrituras na esfera sexual.

Na sequência, ele trata da imoralidade sexual e enfatiza como o envolvimento em imoralidade e em toda sorte de relacionamentos sexuais ilícitos resultam sempre em alguém estar defraudando outra pessoa. Augustus chama esses libertinos, apropriadamente, de aves de rapina. Esses exercitam seu poder físico, psicológico ou de sedução contra os mais fracos, ou contra as pessoas que se encontram em dependência afetiva a eles: esposa, filhos ou vizinhos, o que resulta em repetidos casos de violência sexual ou aliciamento para autogratificação por pessoas cegas pela lascívia. As advertências divinas são sérias e contundentes, e Augustus apresenta cada uma delas com precisão e fundamento.

Augustus também trata do mal da pornografia, com base em textos bíblicos, e demole diversos argumentos em defesa da pornografia que são utilizados, às vezes, por membros ou congregados em igrejas evangélicas. Por mais surreal que essa situação possa parecer, o vício da pornografia ocorre dentro de igrejas e na vida de seus membros.

Um dos aspectos mais positivos deste livro é que ele não se limita a apresentar proposições acadêmicas, ou refutações meramente lógicas (ainda que as sejam). Antes, tem um caráter

eminentemente prático. Ao responder desculpas e objeções, Augustus está auxiliando os que argumentam contrariamente às diretrizes bíblicas a ver a futilidade dos seus caminhos.

No capítulo final, o autor desenvolve a técnica da substituição, que é bíblica, pela qual posturas pecaminosas devem ser conscientemente substituídas por pensamentos, ações e movimentações positivas, convergentes com as diretrizes emanadas da Palavra de Deus. Isso é o que há de melhor para nossa vida.

É de arautos com essa voz de que a igreja de Cristo precisa.

Solano Portela

Presbítero, membro da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro, em São Paulo (SP), graduado em Matemática Aplicada, mestre em Teologia pelo Biblical Theological Seminary (EUA), doutor em Letras Humanas pelo Gordon College (EUA), professor de Teologia Sistemática no Seminário JMC e coordenador de cursos no Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper.

Introdução

É muito fácil orientarmos as pessoas a fazer o que nós não fizemos. Por isso, desejo iniciar este livro sobre sexo com toda transparência, dizendo, logo de saída, que minha vida foi marcada por muitos pecados na área da sexualidade. Tenho total convicção de que todos devemos caminhar dentro de padrões estritamente bíblicos, porém, entre os 16 e os 22 anos, andei pelos caminhos sombrios do pecado. Logo, sei bem sobre o que estou falando.

Fui criado em um lar evangélico, mas, por volta de meus 15 anos, comecei a me desligar emocionalmente da fé cristã. Aos 16 anos, acabei me desviando. Meus pais me enviaram para os Estados Unidos, em um programa de intercâmbio estudantil, e lá, sem o acompanhamento de ninguém, fiquei completamente solto. Lamentavelmente, pela primeira vez, acabei me envolvendo com drogas e álcool. Foi também nessa época que tive minha primeira relação sexual.

Quando retornei ao Brasil, eu era uma pessoa bastante diferente. Estava imerso até o pescoço no “mundão”. Minha família era de classe média alta e, assim que voltei dos Estados Unidos, meu pai me deu um carro de presente. Com isso, passei a sair muito para boates, baladas e casas de prostituição e a fazer rachas de automóvel. Em síntese, fiz muitas coisas das quais não me orgulho.

Até que, um dia, minha vida mudou.

Aos 23 anos, completamente destroçado internamente e destituído de paz de espírito, tendo experimentado de tudo o que de pior o mundo tem a oferecer, a graça divina me alcançou. Cristo acolheu-me em seu abraço vivificador, entreguei minha vida a ele e tudo se transformou.

Portanto, quando digo que a prática da sexualidade fora dos padrões bíblicos não é algo positivo, é fato que estou orientando você a agir como eu mesmo não agi durante alguns anos da minha vida. Mas, por outro lado, posso falar com propriedade sobre o

tema, pois trilhei esse caminho e colhi os frutos amargos do pecado. Hoje, perdoado e liberto pela graça de Deus, casado e feliz há décadas com Minka, sinto-me livre em Cristo para falar sobre esse tema — e com autoridade.

Neste livro, desejo tratar de questões diversas sobre o sexo bíblico, isto é, sobre a vivência da sexualidade da maneira que Deus a criou para ser.

A questão do pecado sexual

Em nossos dias, a sociedade ocidental considera natural pessoas se relacionarem sexualmente com diferentes parceiros, na adolescência ou fora do contexto matrimonial. Muitas vezes, práticas como masturbação e consumo de pornografia são vistas como caminhos normais de expressão sexual. Porém, em uma época em que parece valer a filosofia do “faze o que tu queres, pois é tudo da lei”, como devem pensar e agir as pessoas que temem a Deus e desejam viver a sexualidade de forma bíblica, plena, abundante e construtiva? É o que pretendo esclarecer neste livro.

Muitas pessoas foram criadas dentro dos padrões bíblicos, mas, principalmente na adolescência e na juventude, a pressão de grupos ou a influência de cosmovisões sem compromisso com a fé cristã acabaram contribuindo para que enveredassem por caminhos alheios ao evangelho de Cristo. Desejosas de pertencimento, temerosas da discriminação, pressionadas pela curiosidade ou impulsionadas por seus hormônios e fantasias, acabaram afastando-se do bom uso da sexualidade.

Com o tempo, o Espírito Santo chama aqueles que são seus para o arrependimento, promovendo intensa luta interior e crises bastante complicadas. Teria sido melhor manter-se dentro dos parâmetros bíblicos, mas, como a confusão já está instalada, surgem mil questionamentos, dúvidas, problemas e dificuldades. Para evitar que se chegue a esse ponto, devemos compreender corretamente a vontade de Deus para a sexualidade humana — e seguir os critérios divinos.

É importante entender, antes de tudo, que o sexo é uma dádiva do Criador. Ele o criou para benefício, prazer, deleite e multiplicação da humanidade. O sexo é uma forma profunda de comunhão e relacionamento, que serve de base para a alimentação e o fortalecimento de relacionamentos entre marido e mulher. Trata-se, portanto, de algo muito bom. Quando praticado dentro da vontade de Deus, não é sujo, não é pecado, não é complicado: é uma bênção!

A Bíblia nos ensina que Deus criou o homem e a mulher e lhes ordenou que se multiplicassem e dominassem a terra e a criação (Gn 1.28). Isso aponta para o surgimento da família e da sociedade, tendo o casamento como elemento principal, base de toda a expansão do ser humano no planeta. Mas a Escritura também diz que o primeiro casal se desviou de Deus e lhe desobedeceu (Gn 3.1-7), em um evento que chamamos de *Queda*. O primeiro casal foi criado justo, inocente e bom, mas, em sua desobediência, caiu desse estado de pureza. A partir daí, homem e mulher se tornaram pecadores, com o coração e a mente corrompidos pela iniquidade e inclinados para o mal (Gn 6.5).

Uma das áreas que mais foram afetadas na essência da humanidade foi, exatamente, a da sexualidade. O sexo passou a ser usado de forma desvirtuada, isto é, fora dos padrões divinos (Gn 2—3). É interessante perceber que um dos primeiros efeitos da Queda é que homem e mulher perceberam que estavam nus (Gn 3.7). O estado inicial, de inocência e pureza, acabou. A humanidade passou a ter vergonha da própria nudez, fato que afetaria profundamente o que viria em seguida.

Logo depois da Queda, os descendentes de Adão e Eva começaram a praticar a bigamia, como ocorreu com Lameque (Gn 4.19). Em seguida, passaram para a poligamia. E, com o tempo, começaram a experimentar uma série de perversões sexuais: adultério, prostituição, incesto, fornicação, relações com animais e coisas do gênero. Levítico 18 faz uma extensa lista de práticas ligadas à sexualidade humana que são detestáveis para Deus.

De lá para cá, a humanidade tem caminhado no passo do pecado. As transgressões de ordem sexual nunca cessaram e,

impulsionados por sua natureza carnal, incontáveis homens e mulheres viveram, ao longo dos milênios, fora da vontade divina para sua vida sexual.

Chegamos ao século 21 e a coisa não dá sinais de que vai melhorar. Pelo contrário, a sociedade ocidental parece seguir em velocidade acelerada para os braços do pecado e, cada vez mais, tem aceitado práticas e comportamentos sexuais que estão em desacordo com a vontade do Criador.

Por essa razão, torna-se mais necessário do que nunca entendermos o sexo bíblico, isto é, aquilo que a Bíblia aponta ser o caminho adequado para o exercício da sexualidade. Somente ao nos adequarmos aos padrões divinos teremos uma vida sexual plena, feliz, prazerosa, abençoada e repleta de alegrias.

Como? É o que veremos nas páginas a seguir.

1. Sexo antes do casamento

A fé cristã estabelece que o sexo ocorre de forma correta exclusivamente na relação matrimonial, isto é, entre um homem e uma mulher casados. Porém, a sociedade ocidental pós-moderna, descompromissada com os valores bíblicos, considera essa uma visão ultrapassada, resultado de um suposto fanatismo religioso, e não só aceita, como incentiva, as relações sexuais antes do casamento — praticadas por adolescentes, jovens ou pessoas de qualquer idade. Para compreendermos as origens dessa tensão e sabermos como lidar com ela, precisamos voltar nossos olhos para a Bíblia e analisar em que pontos a visão secularizada é divergente do entendimento cristão e como isso impacta na vida de cada um.

O primeiro passo é definir o que é sexo. Para muita gente, sexo se resume ao ato físico, biológico. Tanto é assim que, em nossos dias, popularizou-se o chamado sexo casual: o indivíduo conhece uma pessoa, logo depois eles se relacionam sexualmente e, em seguida, se despedem, sem envolvimento afetivo nem compromisso de nenhuma espécie. É algo meramente carnal, imediatista e alheio a vínculos de qualquer natureza.

Porém, na Bíblia, embora evidentemente o ato sexual inclua esse componente físico, ele é apresentado como algo muito mais amplo. O sexo é visto como uma forma de comunicação, relacionamento, prazer mútuo e fortalecimento dos laços entre um homem e sua mulher. A mulher foi criada porque não era bom que o homem estivesse só. Ele precisava de uma auxiliadora que estivesse à sua altura (Gn 2.18). Unidos como uma só carne, o homem deixaria a casa de seus pais e começaria com a sua mulher uma nova família (Gn 2.24). A orientação bíblica para os casados é esta: “Alegre-se com a mulher de sua juventude! Ela é gazela

amorosa, corça graciosa; que os seios de sua esposa o satisfaçam sempre e você seja cativado por seu amor todo o tempo!” (Pv 5.18-19).

Assim, do ponto de vista bíblico, o sexo é muito mais que a conexão de corpos, é uma relação de alma e mente e faz parte de um conjunto maior, que a Bíblia chama de casamento.

À luz das Escrituras, casamento é a união legítima entre um homem e uma mulher que se propõem, diante de Deus e da sociedade, a constituir uma família e, tomando-a como base, honrar e servir ao Senhor. Se tiverem filhos, entende-se que devem criá-los segundo a vontade divina e, dessa forma, perpetuar a humanidade e, também, a fé cristã. Mais adiante, veremos os argumentos bíblicos em favor dessa definição de casamento.

Portanto, o sexo vem dentro de um pacote, nunca é apresentado de forma isolada desse contexto. No entanto, na sociedade pós-moderna, muitos componentes desse pacote vêm sendo descartados. Um exemplo é o abandono da ideia milenar de que casamento é uma instituição importante, conceito que boa parcela da sociedade ocidental vem consistentemente jogando fora. Assim, para muitos, o vínculo perene do matrimônio é um conceito completamente ultrapassado. A ideia de que casamento ocorre exclusivamente entre homem e mulher também vem sofrendo ataques. Ou, ainda, a importância da fidelidade conjugal, que era ponto de honra no passado, hoje tem sido desprezada por muitos: há até mesmo quem considere normal ter uma “relação aberta”, isto é, com o consentimento dos cônjuges para a prática de relacionamentos sexuais fora do casamento.

Todo esse tipo de argumentação tenta diminuir ou destruir os componentes do grande pacote que chamamos de casamento conforme Deus instituiu. Com isso, as pessoas não querem mais saber de compromisso, de aceitar o pacote completo. O que elas querem é, simplesmente, sexo físico. Com isso, a sexualidade é abstraída de seu contexto original.

Devemos lembrar que quem faz sexo biológico são os animais, para quem, na maior parte, trata-se de algo meramente instintivo. A sociedade está chegando a um ponto em que tudo mais

relacionado ao sexo, como romance e casamento, está sendo perdido.

Assim, do ponto de vista bíblico, sexo é um componente de um pacote maior, de um conjunto que a Escritura chama de casamento. É por isso que, quando contemplado isoladamente, a Bíblia não o considera como válido. O sexo só faz sentido se ele vem dentro desse pacote.

Pecados sexuais

É fato que a Bíblia aponta práticas sexuais que configuram uma distorção da vontade original de Deus (1Co 6.12-20). Podemos citar alguns exemplos que ocorrem com mais frequência em nossa sociedade, como adultério, prostituição e — conectado ao sexo antes do casamento — fornicação.

A pessoa casada que tem uma relação sexual fora do matrimônio, com uma pessoa que não é o seu cônjuge, está, de acordo com a Bíblia, cometendo uma transgressão da vontade divina chamada adultério. Esse é um dos dez pecados elencados por Deus nos Dez Mandamentos: “Não cometa adultério” (Êx 20.14). Jesus não somente ratificou esse mandamento, como o estendeu: olhar para uma mulher com intenção impura já configura adultério (Mt 5.27-28; veja ainda Rm 13.9).

O sexo é considerado prostituição quando há dinheiro ou benefícios materiais envolvidos, isto é, quando as pessoas pagam para transar e por isso se deitam com quem mal conhecem (ou desconhecem totalmente) em troca de vantagens financeiras. A prostituição é claramente denunciada na Bíblia como um pecado contra Deus. O próprio Jesus, mesmo tendo uma atitude de misericórdia com as prostitutas, condenou a prostituição e a considerou como expressão do coração depravado do homem (Mt 15.19; Mc 7.21). Seus discipulos seguiram na mesma linha, ao escrever o Novo Testamento (veja passagens como 1Co 6.15-16; Gl 5.19 e Cl 3.5). Por isso, soam complicadas à fé cristã as tentativas de se legalizar a prostituição como uma profissão — um fenômeno de nossos dias.

Não devemos de maneira alguma diminuir a mulher ou o homem que acabam enveredando pelo caminho da prostituição; o próprio Jesus disse que as prostitutas e os ladrões entram no reino de Deus à frente dos fariseus e dos escribas (Mt 21.31) — evidentemente, uma referência a indivíduos arrependidos de seus pecados. Mas não podemos ratificar seu comportamento pecaminoso, pois a Bíblia afirma a prostituição como pecado (1Co 6.12-20).

Outra forma errada de sexo é a relação sexual entre solteiros que não envolve, necessariamente, dinheiro. É o caso de pessoas que têm um encontro fortuito, casual, fora do pacote que a Bíblia chama de casamento — o que é muito comum em nossos dias. Se a sociedade tem considerado isso normal, do ponto de vista bíblico é uma distorção do contexto para o qual Deus criou o sexo. Logo, é pecado. Os termos que melhor descrevem esse pecado são “imoralidade” e “impureza”, ainda que sejam palavras bem abrangentes. Paulo chamou de imoralidade uma situação em que um homem estava tendo relações com a mulher de seu pai (1Co 5.1). Mais adiante, usa o mesmo termo para se referir a relações sexuais com prostitutas (1Co 6.18) e, também, à orgia dos israelitas no deserto (1Co 10.8). Na mesma carta, ele estabelece somente o casamento como opção para os solteiros que estão consumidos pelo desejo sexual e correndo o risco de cometerem impureza (1Co 7.1-2, 8-9).

Hoje em dia, tornou-se muito comum que adolescentes e jovens mal se conheçam e já vão para a cama, o motel, o banco traseiro do carro, o apartamento de um ou outro — até mesmo com a anuência dos pais. Por mais estranho que soe, mesmo nas igrejas essa prática contrária à Bíblia tem se tornado cada vez mais comum entre solteiros, em razão da influência da cosmovisão secularizada da sociedade. Porém, não é o modo biblicamente correto de viver a sexualidade: casamento continua sendo uma instituição que vem de Deus, válida e necessária para os nossos dias, e o contexto adequado para a prática do sexo.

Evidentemente, há uma conotação cultural que devemos levar em conta ao falar sobre matrimônio, uma vez que o casamento

não é celebrado da mesma forma em todas culturas. Porém, o elemento principal está presente em todas: o compromisso diante de Deus e da sociedade. Lembrando que quem realiza o casamento é o Estado, pois casamento é um ato civil, sobre o qual a igreja apenas dá sua bênção. Com frequência, as pessoas que decidem praticar o sexo antes do casamento usam diferentes argumentos para tentar validar o seu comportamento. Eu gostaria de pontuar os mais frequentes, a fim de analisar cada uma dessas justificativa e fazer ponderações bíblicas sobre o assunto.

Argumento da falta de um mandamento explícito

Uma das justificativas mais comuns para a prática do sexo antes do casamento é que não haveria nada na Bíblia que a proíba. É verdade que não encontraremos nas Escrituras nenhum mandamento que diga explicitamente algo como: “Não farás sexo antes do casamento”. Porém, a Bíblia transmite muitas realidades sem ser por meio de mandamentos proibitivos, mas lançando mão de mandamentos positivos.

Há dezenas de passagens que expressam, de outras maneiras, a verdade de que não se deve fazer sexo antes do casamento. Por exemplo, os muitos trechos que pressupõe que o matrimônio é o procedimento padrão legal estabelecido por Deus para pessoas que desejam viver juntas.

Um exemplo: “Jesus respondeu: ‘Por acaso os convidados de um casamento ficam de luto enquanto festejam com o noivo? Um dia, porém, o noivo lhes será tirado, e então jejuarão’” (Mt 9.15). Essa passagem mostra que Jesus compareceu a celebrações de matrimônio, seu primeiro milagre registrado foi em uma festa de casamento (Jo 2.1-12) e, aqui, ele usa essa parábola pressupondo a cerimônia de casamento como algo normal e positivo. Vemos o mesmo em Lucas 12.36; 14.8; 24.38 e João 2.1-2.

O apóstolo Paulo escreveu: “Portanto, digo aos solteiros e às viúvas: é melhor que permaneçam como eu. Mas, se não conseguirem se controlar, devem se casar. É melhor se casar que arder em desejo” (1Co 7.8-9). Arder em desejo é viver com vontade

de fazer sexo. A alternativa cristã para viver ardendo em desejo é, portanto, casar, e não sexo casual ou masturbação. Há dezenas de passagens como essa na Bíblia que apresentam um casamento padrão como o caminho natural e óbvio para a satisfação do desejo sexual.

Passagens como essas pressupõem que o casamento é o padrão. Outras, abençoam o enlace matrimonial, como: “Honrem o casamento e mantenham pura a união conjugal, pois Deus certamente julgará os impuros e os adúlteros” (Hb 13.4). Existem, ainda, passagens que falam sobre divórcio como sendo o término oficial do casamento, rejeitado por Deus e permitido somente em algumas situações de exceção. Ora, só pode haver divórcio se houver casamento. Se a Bíblia indica que, para terminar um matrimônio é preciso uma decisão oficial e documental, chamada divórcio, isso evidentemente pressupõe que esse documento anula outro. Se é necessário um documento legal para poder anular o primeiro, é óbvio que esse primeiro é um caminho reconhecido e aceito. Além disso, se o casamento não fosse o contexto estabelecido por Deus para o sexo, não faria sentido falar em adultério, fornicação ou prostituição. Afinal, é lógico que, para que essas práticas sejam consideradas erradas, é preciso haver uma que seja correta.

Então, embora não haja um mandamento explícito, a Bíblia contém dezenas de passagens que nos dizem que o casamento foi estabelecido por Deus como o ambiente em que a sexualidade pode ser expressa da maneira correta.

Argumento da instituição humana

Muitos dizem que casamento não passa de uma conveniência humana, uma instituição estabelecida por homens, que muda de cultura para cultura. Segundo essa ideia, Deus não seria o idealizador do matrimônio.

Verificamos o equívoco dessa afirmação desde o começo de tudo, isto é, já no jardim do Éden. Deus criou homem e mulher e uniu os dois. Há um aspecto cultural, social e pessoal no

casamento, mas não podemos esquecer que Deus criou pessoas de dois gêneros, os uniu, disse que seriam uma só carne e deu-lhes a responsabilidade de constituir família quando disse que deveriam se multiplicar e dominar o mundo.

Alguns argumentam que aquilo não era casamento. É óbvio que não era como hoje, pois não havia um juiz de paz, testemunhas ou convidados. Muitas coisas, no começo, foram feitas de maneira provisória e incipiente. Foi à medida que a humanidade se multiplicou e cresceu que Deus começou a estabelecer os limites.

Depois de Adão e Eva, os primeiros casamentos ocorreram entre irmãos, não há dúvida. Mas, logo adiante, a Escritura já proíbe o casamento consanguíneo. Assim, não podemos tomar todos os padrões do início como sendo modelo para a sociedade já desenvolvida e a humanidade multiplicada e expandida sobre a terra. Precisamos observar o que Deus nos diz depois de a humanidade estar estabelecida como a temos hoje. Mas, ainda assim, podemos ver que, já no jardim, há essa união e a responsabilidade de constituição de família que nos foi dada por Deus.

Embora o casamento seja realizado de maneira distinta e os rituais e procedimentos sejam diferentes de cultura para cultura, há, em todas, elementos em comum. A começar pelo reconhecimento legal da união por quem de direito, seja o rabino, seja o juiz, seja o pastor, seja o patriarca, seja o chefe do clã, seja quem tiver a autoridade naquele contexto.

O casamento tem de ser firmado mediante um compromisso que traga implicações para a criação e a tutela dos filhos, o que é uma preocupação de toda a sociedade. Muitos questionam qual é a necessidade de ter um documento de casamento entre duas pessoas. Lembremos que os filhos nascidos dessa relação terão direitos e, caso os cônjuges se separem, será muito complicado estabelecer bônus e ônus caso não haja um contrato estabelecendo responsabilidades. Toda família tem herança, propriedades e outros aspectos práticos envolvidos. Então, por tudo isso, as sociedades veem o casamento como uma iniciativa que necessita ter o que em

nosso país chamamos de “papel passado”, um acordo firmado pela autoridade pública.

Até porque casamento não é simplesmente morar com alguém, é algo muito mais sério que isso. Não é só uma questão de relacionamento entre marido e mulher, envolve filhos, heranças e uma série de outras questões de ordem prática.

Quando duas pessoas resolvem morar junto como se fossem casadas, essa decisão não faz delas pessoas casadas diante de Deus, mas, apenas, pessoas que estão vivendo em uma situação informal e, consequentemente, o sexo nesse contexto se torna ilícito.

Argumento da união estável

Outra justificativa para o sexo antes do casamento é que muitos países têm reconhecido em sua legislação a chamada união estável, que dispensa a formalidade e a presença de uma autoridade civil ou religiosa para oficialização da união. A origem dessa prática, pelo menos no Brasil, sabidamente foi para dar direitos às amantes e seus filhos gerados por homens casados fora do casamento, além de atender os anseios da comunidade homossexual por alguma oficialização de seus relacionamentos. Em resposta, dizemos que a igreja deve continuar a seguir o ensino da Bíblia, mesmo que existam leis que permitam práticas contrárias à Escritura.

Entendemos que o casamento continua sendo a vontade de Deus para a humanidade, e que se trata de uma união entre um homem e uma mulher, oficializada na presença de uma autoridade civil ou religiosa com procuração civil. É bom lembrar que a igreja não casa ninguém. Quem casa é o Estado. No Antigo Testamento, Estado e igreja eram uma coisa só. Abraão era juiz de paz e, ao mesmo tempo, pastor de todo o clã. Ele podia fazer casamentos religiosos com efeito civil. Mas, em um Estado laico, como o nosso, e na maioria da sociedade contemporânea, nem a igreja nem o pastor casam alguém. A cerimônia religiosa é apenas um rito em que a família solicita a bênção de Deus sobre o casamento. Se um

casal deseja realizar um casamento, é preciso ir ao cartório, assinar um documento e, então, o pastor agirá com poderes de juiz — é o chamado casamento religioso com efeito civil. Quando termina o casamento, ele assina o documento e será preciso levar a documentação ao cartório, dentro de certo prazo, para que a união seja regulamentada, pois, caso contrário, perde o efeito.

Em certa ocasião, celebrei um casamento religioso com efeito civil e entreguei ao noivo o documento, a fim de que ele fosse ao cartório após a lua de mel. O que aconteceu? Tive de casá-los de novo, pois o rapaz esqueceu de levar o documento às instâncias oficiais. Ninguém se lembrou de fazer a oficialização do rito, o prazo expirou e eles não estavam casados. Depois desse evento, passei a sempre entregar o documento para um parente, como a mãe de um dos noivos. Portanto, é a autoridade civil e não a igreja que oficializa o casamento em um Estado laico.

Muitos casais oficializam o matrimônio em um cartório e realizam a cerimônia religiosa dias depois. Por isso, decidem esperar para morar juntos e ter a noite de núpcias somente após passar pela bênção da igreja, mas, na realidade, eles são casados desde que assinaram o documento nas instâncias do poder civil. Podem esperar para morar juntos? Podem. Mas já estão casados. O pastor apenas pedirá a bênção de Deus sobre a vida daquele casal.

É importante lembrar que o casamento é mais antigo que a religião. Só podemos falar sobre religião depois de Gênesis 3, pois ela é exatamente todo o processo pelo qual o homem volta a Deus. A humanidade se separou de Deus em Gênesis 3 e o casamento foi instituído em Gênesis 1 e 2. Portanto, o casamento é a instituição mais antiga da humanidade e antecede, inclusive, a religião. É por isso que um casamento não é somente para pessoas religiosas, cristãs ou teístas, mas é uma ordenança divina para a humanidade como um todo.

Muitas pessoas argumentam contra essa realidade usando as palavras de Jesus, quando ele diz: “Uma vez que já não são dois, mas um só, que ninguém separe o que Deus uniu” (Mc 10.8-9). Quando o casamento está muito ruim e elas desejam se separar, dizem que não acreditam que foi Deus quem as uniu ao cônjuge e,

portanto, podem se separar. Mas não é isso o que essa passagem está dizendo. O que Jesus diz é que o indivíduo que casa está entrando em uma união que o Senhor estabeleceu. Pode ter sido precipitação, a escolha errada, mas, na hora em que casou, a pessoa entrou em uma instituição aprovada por Deus. Logo, é preciso viver as consequências dessa decisão.

Já conversei com pessoas que diziam nem conseguir mais olhar na cara do cônjuge, pelas mais variadas razões. Nesses casos, você pode aprender a amar seu cônjuge. Amor é algo que se aprende. Paixão é diferente: ou se tem ou não, mas amor é algo que se aprende. É interessante notar que não há nenhuma passagem da Bíblia que diga explicitamente “amarás teu namorado”, pois amor é pressuposto para o casamento e não para o namoro. É o casamento que faz o amor e não o contrário.

Portanto, não é bíblica a argumentação de que se pode terminar o casamento porque o amor acabou. Essa é a desculpa mais furada do mundo, porque o amor verdadeiro só pode existir dentro do casamento. O que pode haver antes é uma atração, uma paixão, um início de sentimento, mas, oficialmente, amor mesmo é quando você cumpre os votos. Amar é ser fiel à pessoa que escolheu e a quem dedica sua vida. Isso é amor de verdade.

Antes disso, entre namorados, é uma boa intenção, uma atração. É bom que haja essa atração, pois é complicado casar com quem não se tem a famosa química, mas amor mesmo se desenvolve é dentro do casamento. Tanto é assim que Paulo diz: “as mulheres mais velhas devem [...] instruir as mulheres mais jovens a amar o marido” (Tt 2.3-4). É evidente, então, que o amor ao marido – e, obviamente, à esposa – é algo que se aprende, pois é, essencialmente, uma atitude de entrega, renúncia e disposição de fazer o outro feliz, acima da própria felicidade. Isso nós podemos aprender, com a graça de Deus.

Argumento do amor e da fidelidade

Não é raro escutarmos de adolescentes e jovens que desejam se relacionar sexualmente antes do casamento que o mais

importante são o amor e a fidelidade, e não o papel passado, uma vez que haveria muita gente casada que é infeliz e até infiel ao cônjuge. A resposta a isso é muito fácil: um erro não justifica o outro. É verdade que tem muita gente casada de papel passado que é infeliz e infiel, mas é um jogo perigoso justificar uma falha com outra.

Além do mais, como poderia existir o conceito de fidelidade em uma união que não tem caráter oficial nem legal, que não teve juramento solene feito diante de Deus e das autoridades constituídas? Mesmo que um casal de namorados faça uma cerimônia particular, onde só os dois estão presentes, qual a validade disso? As promessas de fidelidade trocadas por pessoas não casadas têm tanto valor quanto um contrato de gaveta. É algo que não vale. Como se pode falar em fidelidade se não há um acordo, uma promessa, algo estabelecido?

É bom lembrar que, na Bíblia, o casamento é constantemente referido como uma aliança. Vale ler Ezequiel 16.59-63 e Malaquias 2.10-16, onde se lê este trecho:

> *Não somos filhos do mesmo Pai? Não fomos todos criados pelo mesmo Deus? Então por que traímos uns aos outros e quebramos a aliança de nossos antepassados? [...] E ainda perguntam: "Por quê?". Porque o Senhor foi testemunha dos votos que você e sua esposa fizeram quando jovens. Mas você foi infiel, embora ela tenha continuado a ser sua companheira, a esposa à qual você fez seus votos de casamento. Acaso o Senhor não o fez um só com sua esposa? Em corpo e em espírito vocês pertencem a ele. E o que ele quer? Dessa união, quer filhos dedicados a ele. Portanto, guardem seu coração; permaneçam fiéis à esposa de sua mocidade. "Pois eu odeio o divórcio", diz o Senhor, o Deus de Israel. "Divorciar-se de sua esposa é cobri-la de crueldade", diz o Senhor dos Exércitos. "Portanto, guardem seu coração; não sejam infiéis".*
>
> Malaquias 2.10, 14-16

O casamento é, aqui, referido como uma aliança entre duas pessoas da qual Deus é testemunha. E mais, o texto começa a se referir ao casamento com outros termos: “aliança de nossos antepassados”. Por que esses termos? Porque os parentes que vieram antes estavam presentes quando essa aliança foi feita. Tudo isso aponta para o caráter público e pactual do casamento, sempre referido, na Bíblia, como uma aliança.

Argumento do 'test drive'

O quinto argumento que usam para justificar o sexo antes do casamento é que é importante conhecer bem a pessoa para saber se a união dará certo ou não. Já ouvi dizerem: “Pastor, ninguém compra um carro sem fazer um *test drive*”.

Se você realmente está interessado em descobrir se a pessoa com quem vai se casar é a certa para você, lembre-se de que sexo é a menor das suas preocupações, porque a maior parte do casamento tem a ver com relacionamento, amizade, companhia, afinidade de espíritos, prazer de fazer atividades juntos, capacidade de perdoar e ser perdoado, desejo de compreender o outro, sintonia na criação de filhos, compartilhamento de prioridades financeiras e outras questões de maior impacto.

É só ver a quantidade de tempo dedicada às relações sexuais em uma vida a dois e se terá a dimensão de quão menor é essa questão do que muitas outras. É importante? Sim, claro, mas não é decisiva. Achar que é preciso experimentar o sexo antes do casamento para ver se a união dará certo revela uma ignorância muito grande sobre o que é o matrimônio. Até porque grande parte dos divórcios ocorre sem que a questão sexual tenha nenhuma influência.

Em que sentido ter relações sexuais com o namorado ou a namorada vai dar a alguém o conhecimento de que essa pessoa serve para casar? Embora o sexo seja uma parte importante no casamento, o que faz o matrimônio funcionar é a capacidade de você tomar atitudes como tolerar, compreender, renunciar, entregar e compartilhar. E isso não se descobre na cama.

Ao fazer sexo, você pode descobrir que a outra pessoa é boa de cama, mas não é o desempenho sexual dela que fará o casamento funcionar. Sexo representa, em minutos, menos de 1% da vida de casado. E os outros 99%? É possível descobrir esses 99% no *test drive*? De jeito nenhum.

O importante é conhecer bem a pessoa. Esse argumento parte de um equívoco fundamental com relação à natureza do casamento e no fim é só mais uma desculpa para as pessoas fazerem o que querem, à revelia da vontade do Senhor.

Argumento da graça de Deus

O sexto argumento que é muito utilizado para se justificar o sexo antes do casamento é a respeito da graça de Deus. Geralmente, a lógica dessa ideia segue o seguinte raciocínio: “Nós somos cristãos, fomos salvos pela graça, Deus é um Deus de amor e misericórdia e não está ligando para essas coisas. Afinal, isso seria algo da cultura, que faz parte da natureza humana. O impulso sexual é natural, tanto quanto o desejo de comer, de beber ou qualquer outra coisa, uma necessidade fisiológica que precisamos satisfazer”. A graça de Deus torna-se, então, uma desculpa para esse comportamento.

A verdade é que esse sempre foi o argumento de libertinos ao longo da história da igreja. Já na era apostólica, o escritor bíblico Judas, irmão de Tiago, enfrentou libertinos: “Pois alguns indivíduos perversos se infiltraram em seu meio sem serem notados, dizendo que a graça de Deus permite levar uma vida imoral. A condenação de tais pessoas foi registrada há muito tempo, pois negaram Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor” (Jd 1.4).

Apocalipse 2 menciona pessoas cujos ensinamentos eram semelhantes aos de Balaão e uma tal Jezabel, que se dizia profetiza, que tentavam fazer os servos de Deus praticar imoralidade sexual e comer alimentos oferecidos aos ídolos. Prova de que, desde cedo, apareceu na igreja gente dizendo que o cristão pode tudo, já que a salvação é pela graça e não pelas obras. E, se não é pelas obras, argumentam eles, não importa o que fizermos,

pois Deus nos salvará de qualquer maneira. O argumento é sempre este: Deus é amor, ele é gracioso, a cultura é uma coisa boa que ele criou para nossa alegria e nós podemos participar disso.

A questão é que a Bíblia toda diz que Deus nos salva não só da culpa do pecado, mas, também, de determinados comportamentos. A salvação é mais completa do que simplesmente perdão, é também mudança. E, onde não há mudança, não se pode dizer que houve perdão, porque são elementos que caminham juntos. A graça de Deus é o poder pelo qual ele muda minha vida, e não uma desculpa para que eu continue a viver como vivia antes. De fato, representa uma mudança radical. A graça de Deus não é barata, ela custou um alto preço. E não creio que Jesus Cristo morreu por você para que viva do jeito que quiser, em detrimento da vontade santa do Criador. Segundo Paulo, a graça de Deus se manifestou não somente para nos salvar: “Pois a graça de Deus foi revelada e a todos traz salvação. Somos instruídos a abandonar o estilo de vida ímpio e os prazeres pecaminosos. Neste mundo perverso, devemos viver com sabedoria, justiça e devoção” (Tito 2.11-12).

Onde não há renúncia às paixões mundanas, como no desejo de praticar sexo livre, não existe a atuação da graça de Deus.

Argumento de Isaque e Rebeca

Outro argumento para tentar justificar o sexo antes do casamento se baseia no início da relação afetiva entre Isaque e Rebeca. Segundo essa teoria, o casamento entre os dois ocorreu mediante o fato de eles terem se relacionado sexualmente, na tenda, sem nenhuma formalidade: “Isaque a levou para a tenda de Sara, sua mãe, e Rebeca se tornou sua mulher. Ele a amava profundamente e nela encontrou consolação depois que sua mãe morreu” (Gn 24.67).

Vejamos o contexto que antecedeu essa situação: Abraão, pai de Isaque, estava idoso e mandou o empregado Eliezer buscar uma noiva para seu filho. O servo parte em viagem e, após uma série de acontecimentos, traz Rebeca consigo. Assim que a

caravana retorna, depara com Isaque, que estava no campo. É quando o servo os apresenta. Isaque, então, leva Rebeca para a tenda de Sara, tem relações com ela e a jovem se torna sua mulher. O argumento diz que não houve cerimônia nem qualquer outra formalidade e que o que os casou foram as relações sexuais.

Esse argumento demonstra falta de atenção ao todo de Gênesis 24. A história completa tem muito mais informações: Abraão começa chamando o servo e o mandando procurar uma mulher para o filho. O nome disso é *procuração*. Abraão é o líder e concede autorização para que o seu servo vá procurar uma esposa, isto é, ele lhe passa uma procuração. Esse não seria o único caso na história. Por exemplo, dom Pedro I e a imperatriz Maria Leopoldina se casaram por procuração quando nem se conheciam pessoalmente: ele estava no Brasil e, ela, na Áustria. Até meu irmão, em nossos dias, se casou por procuração. Ele estava no Japão, fazendo mestrado em engenharia de pesca, e a noiva dele estava no Brasil. Meu irmão, então, passou a procuração para um primo, que “casou” no cartório com ela e, assim, meu irmão e sua noiva se tornaram casados legitimamente. Quando ele retornou do Japão, tiveram a lua de mel. Esse sistema de procuração é muito antigo.

Com a procuração de Abraão, Eliezer foi à Mesopotâmia, à terra da família de Abraão, encontrou Rebeca e lhe deu presentes, como forma de consolidar a intenção de tê-la como a noiva de Isaque. Em seguida, foi conhecer a família dela, encontrou-se com o irmão da moça, Labão, e lhe disse que desejava encaminhá-la para ser esposa do filho de seu patrão. Nesse momento, o patriarca Labão perguntou à sua irmã se ela desejava firmar aquela aliança conjugal. Ela assentiu e, assim, partiu, com a bênção de Labão.

O que acontece nesse episódio? Formalidade matrimonial pura! Firmou-se um compromisso público, com sinais visíveis (pendentes), a permissão da moça em público e a bênção da família e das autoridades constituídas naquela sociedade. Ou seja, quando Eliezer levou Rebeca até Isaque e eles se relacionam, o fato é que a relação sexual foi consumada entre um homem e uma mulher que já

eram legítimos marido e mulher. Todos os elementos do casamento estavam presentes antes do sexo.

Portanto, é preciso ver todo o contexto da passagem e não um versículo isolado.

Argumento da informalidade

Muita gente diz que a Bíblia não ensina a necessidade do casamento formal. Quanto a isso, é importante dizer que existem, no mínimo, 32 passagens bíblicas que desmontam esse argumento, como 1Coríntios 7.27 (“Se você já tem esposa, não procure se separar. Se não tem esposa, não procure se casar”) e 1Coríntios 7.39 (“A esposa está ligada ao marido enquanto ele viver. Se o marido morrer, ela está livre para se casar com quem quiser, desde que seja um irmão no Senhor”).

Merece especial atenção a passagem em que Cristo encontra a mulher samaritana à beira do poço: “‘Vá buscar seu marido’, disse Jesus. ‘Não tenho marido’, respondeu a mulher. Jesus disse: ‘É verdade. Você não tem marido, pois teve cinco maridos e não é casada com o homem com quem vive agora. Certamente você disse a verdade’” (Jo 4.16-18).

Qual era a diferença entre aqueles seis homens? Por que cinco tinham sido maridos e aquele último, não? A resposta é que a mulher havia casado com os cinco e o atual não era seu marido, mas um amante. Eles não eram casados.

Portanto, há dezenas de passagens bíblicas que derrubam o argumento da informalidade, que só pode ser defendido por quem ignora bastante o texto das Escrituras.

Argumento de traumas e neuroses

A última das principais justificativas utilizadas para a prática do sexo antes do casamento de que desejo tratar aqui é a alegação de que a abstinência sexual defendida pelos cristãos provoca nos jovens evangélicos traumas e neuroses. Isto é, passar a adolescência e a mocidade sem ter relações sexuais faria, por essa

teoria, com que os evangélicos ficassem traumatizados, perturbados mental e espiritualmente, reprimidos e recalcados. Segundo essa ideia, montes de problemas psicológicos seriam originados pela abstinência sexual.

Esse pensamento parte de uma premissa errada a respeito dos cristãos conservadores. Nós não somos contra o sexo. Ao contrário, entendemos o sexo como uma bênção de Deus. E, por ser uma prática tão preciosa, que mexe com tanta coisa em nossa vida, o Senhor a cercou com proteção, para que fosse desfrutada da maneira correta, abundante e plena, dentro do casamento, com a pessoa com quem você se comprometeu e vai construir a vida, e a quem vai se dedicar com exclusividade.

Então, para os cristãos, o sexo bíblico é uma bênção! A Escritura é cheia de referências ao sexo como algo fenomenal dentro do contexto para o qual foi criado. Por exemplo, Cântico dos Cânticos é um livro bíblico que exalta, do início ao fim, o relacionamento sexual entre marido e mulher. Já Provérbios diz:

> *Por que derramar pelas ruas a água de suas fontes, ao ter sexo com qualquer mulher? Reserve essa água apenas para vocês; não a reparta com estranhos. Seja abençoada a sua fonte! Alegre-se com a mulher de sua juventude! Ela é gazela amorosa, corça graciosa; que os seios de sua esposa o satisfaçam sempre e você seja cativado por seu amor todo o tempo!*
>
> Provérbios 5.16-19

Como alguém lê isso na Bíblia e é capaz de dizer que somos contra o sexo? Essa é uma caricatura grosseira dos evangélicos, elaborada para nos acusar daquilo que não estamos dizendo. Nós somos contra o sexo *fora dos limites que Deus estabeleceu*, isso sim. Mas somos totalmente a favor do sexo bíblico.

Há muitas falácias ditas popularmente com relação às crenças dos evangélicos quanto à sexualidade. Constantemente, nos acusam de defender que o sexo é só para procriação, algo que

absolutamente não encontra paralelo na realidade. Os evangélicos acreditam no sexo para procriação, sim, mas, também, para o prazer e o deleite do casal. De igual modo, não somos contra o planejamento familiar e o uso de meios preventivos da gravidez, desde que não sejam abortivos. Há muitas mentiras divulgadas popularmente acerca das crenças dos evangélicos quanto ao sexo.

Para afirmar que esse argumento é verdadeiro, isto é, que coibir ou inibir durante a adolescência e a juventude as práticas sexuais gera danos à psique humana, seria preciso fazer uma pesquisa científica de causa e efeito entre abstinência sexual antes do casamento e distúrbios mentais. É muito difícil alguma pesquisa provar isso. Da mesma forma, teríamos de fazer uma pesquisa que comprovasse que jovens que praticam o sexo antes do casamento são equilibrados, sensatos, sábios e inteligentes. Difícil crer que alguma pesquisa demonstre isso. Pode até ser que a pesquisa prove o contrário, que tarados, estupradores e maníacos sexuais são aqueles que começaram cedo a ter relações sexuais e ver pornografia.

Não vou mentir: se você toma a decisão de se preservar até o casamento, prepare-se para travar uma luta árdua contra a sua natureza, inclinada para o pecado e cheia de desejos sexuais. Mas essa luta não vai provocar traumas, neuroses, recalque ou distúrbios. Pelo contrário, ela vai lhe ensinar a ser paciente e perseverante, amar a pureza, apreciar a virtude e saber o que significa tomar a cruz e seguir Jesus.

Oremos

Pai, muito obrigado pelo sexo. Muito obrigado porque o Senhor nos abençoou com essa comunicação física tão profunda, rica e prazerosa. Pedimos que o Senhor nos ajude a esperar o momento e a pessoa certos. Ajuda e fortalece cada jovem que sente inclinações que destoam da tua vontade. Orienta-os em seu namoro e em seu relacionamento. E,

também, reconstrói aquelas vidas que já estão quebradas, pois tu és poderoso para isso. Em nome de Jesus. Amém.

2. Sexo no casamento

O apóstolo Paulo escreveu a primeira carta aos coríntios com o objetivo de ajudar seus destinatários a vencer problemas práticos que estavam acontecendo na vida da igreja e também para sanar dúvidas doutrinárias que os incomodavam. Além disso, os cristãos da cidade de Corinto haviam enviado a ele uma carta que continha uma série de perguntas, muitas delas relacionadas ao tema do casamento.

Para compreender o interesse dos membros daquela igreja por esse assunto, é preciso entender o ambiente em que ela vivia. No primeiro século da era cristã, Corinto era conhecida por ser uma cidade extremamente depravada do ponto de vista moral, a ponto de seus inimigos terem cunhado um verbo, “corintianizar”, que significava corromper alguém sexualmente.

Isso se devia ao fato de ela abrigar muitos templos de adoração a entidades pagãs, cujo culto consistia na prática da prostituição cultual: como parte da liturgia de sua religião, as sacerdotisas tinham relações sexuais com os adoradores nas câmaras do templo, encenando a fecundação da terra.

Além disso, a vida da cidade era extremamente erotizada. Os coríntios gostavam de festas e todo tipo de esbórnia. Para se ter uma ideia, arqueólogos descobriram uma antiga adega nas ruínas de Corinto onde aparentemente havia um “cervejoduto”, um sistema que levava cerveja direto dos depósitos de alimentos para os locais em que os participantes das orgias festejavam. Fato é que o ambiente na cidade era extremamente imoral e devasso. Essa é a razão de muitos dos coríntios que se converteram ao cristianismo terem dúvidas a respeito de sexualidade, casamento, pureza e de como viver os valores cristãos à luz de toda aquela situação.

Outro fator que provocava questionamentos a respeito, especialmente, do casamento era a perseguição. No primeiro século, os cristãos invariavelmente eram perseguidos pelos pagãos, pelos judeus e, mais tarde, pelo Império Romano, a partir de meados da década de 60 d.C. Essa perseguição se devia, em grande parte, ao estranhamento dos que não eram cristãos por conta da conduta dos discípulos de Jesus. Os crentes em Cristo não participavam das orgias e festas, além de não acreditarem nas divindades romanas.

Certo escritor romano escreveu ao imperador referindo-se aos cristãos como sendo ateus, uma vez que não acreditavam nos deuses de sua sociedade. Afinal, em uma cultura em que todos criam em muitas deidades, quem acreditasse em um só era visto como ateu.

Os cristãos eram, então, percebidos como ateus, pessoas estranhas que não se sujeitavam à autoridade do imperador — porque os cristãos dariam única e exclusivamente a Jesus o título *Kyrios* (“Senhor”), que o imperador exigia para si. Portanto, na mente pagã, em que não havia separação entre religião e Estado, negar o imperador como divindade significava, também, rejeitá-lo como chefe terreno supremo. Por isso, os cristãos eram vistos como rebeldes, ameaças capazes de incitar rebeliões. Na prática, isso significava que eles poderiam ser assediados pela polícia local; ter os bens arrestados; ser presos, questionados e torturados; e, até, perder a vida.

Assim, num ambiente tão instável e perigoso, é natural fazer a pergunta: o que é melhor, permanecer solteiro ou casado? Porque, se viesse uma perseguição, seria mais fácil escapar solteiro do que com mulher e filhos.

Além disso, boa parte dos coríntios queria muito ser espiritual. Das igrejas citadas no Novo Testamento, a de Corinto é, aparentemente, a que mais estava interessada em espiritualidade, embora com uma visão equivocada. Numa situação em que as pessoas querem se dedicar a Deus e servi-lo de todo o coração, é natural que se perguntem: se eu ficasse solteira, não poderia servir melhor ao Senhor? Porque o casado precisa cuidar do cônjuge, da

casa e dos filhos e aqueles irmãos e irmãs queriam usar o tempo para se dedicar à obra, pregar o evangelho e levar a mensagem de Cristo a lugares até então inalcançados. Não por acaso, essa era a situação do apóstolo Paulo, que não tinha mulher por conta do serviço que prestava ao evangelho.

Portanto, as pessoas daquela comunidade começaram a desejar se tornar como Paulo. Só havia um problema: muitas eram casadas. Logo, passaram a se perguntar se poderiam se divorciar para se dedicar melhor a Jesus e servir a Deus, terminando o casamento “em nome do evangelho”. Essa dúvida passou a assolar, especialmente, quem não tinha um cônjuge cristão.

Além disso, a cultura daquele ambiente, greco-romana, estava dominada por um pensamento chamado dualismo, originado nas ideias de Platão, que via o mundo de forma binária: a dimensão espiritual seria superior e divina, enquanto o mundo físico seria inferior, pois a matéria era considerada algo negativo, ruim. Para aquelas pessoas, eram duas realidades imiscíveis.

Esse dualismo gerou muitos problemas no início do cristianismo, porque uma pessoa que passou a vida toda achando que o espírito é bom e a matéria e o corpo são maus teria dificuldade com a doutrina da encarnação: como poderia Deus, que é Espírito e é bom, assumir um corpo humano material, uma vez que a matéria seria intrinsecamente má? Portanto, os pagãos tinham problemas com a encarnação de Cristo e, mais ainda, com a ressurreição: na cabeça deles, Deus ressuscitar Jesus seria inconcebível. O que levaria um ser espiritual a voltar a este mundo como matéria má e decadente?

É por isso que, quando Paulo pregou no areópago de Atenas, todos os intelectuais da região o ouviram com atenção — entre eles, os filósofos epicureus e estoicos —, mas somente até o ponto em que o apóstolo começou a falar da ressurreição de Cristo. Nesse momento, todos se levantaram, foram embora e deixaram Paulo falando sozinho, porque, para a mentalidade pagã, um ser espiritual querer retornar como matéria seria absurdo.

Outra consequência desse pensamento dualista é que muitos pagãos neoplatônicos e dicotômicos que creram em Jesus

passaram a ter muita dificuldade com a questão do casamento. Enquanto os judeus valorizavam o matrimônio, os gentios convertidos começaram a ter conflitos. O pensamento de muitos desses novos cristãos seguia esta linha: “Estou casado e quero servir a Deus melhor. Sexo é a parte suja, ou baixa, do casamento, porque envolve relacionamento de corpos — e corpos são matéria. Será que não poderíamos, eu e meu cônjuge, fazer um voto de castidade para vivermos como irmãos, casados, mas sem ter sexo?”. Era exatamente esse tipo de dúvida que corria entre os membros da igreja de Corinto.

Nós podemos imaginar quais eram as perguntas daquelas pessoas a partir das respostas que Paulo dá em 1Coríntios 7. Primeiro, se é lícito ficar solteiro a fim de se dedicar à obra de Deus com mais eficiência. Segundo, se um casado pode fazer um voto de abstinência sexual para poder servir melhor ao Senhor. Terceiro, se quem deseja viver para Deus, mas é casado, pode se separar do cônjuge a fim de se dedicar ao evangelho. Quarto, se o cônjuge de um descrente não teria motivos mais que suficientes para o divórcio.

Em resumo, aqueles irmãos e irmãs passaram a se perguntar o que seria melhor para o solteiro, a viúva e o casado à luz do evangelho de Cristo. E Paulo respondeu todas essas perguntas em 1Coríntios 7.

Imoralidade sexual e celibato

Muito embora o contexto dessa carta esteja bem definido, sendo essas questões pertinentes a uma igreja do primeiro século que vivia naquele ambiente específico, as respostas do apóstolo Paulo, inspirado por Deus, trazem princípios que são válidos para toda a humanidade e funcionam até hoje. Portanto, é possível aprender com as palavras de Paulo e aplicá-las ao nosso casamento:

> *Agora, quanto às perguntas que vocês me fizeram em sua carta, digo que é bom que o homem não toque em mulher. Mas, uma vez que há tanta imoralidade sexual, cada homem deve ter sua própria esposa, e cada mulher, seu próprio marido. O*

marido deve satisfazer as necessidades conjugais de sua esposa, e a esposa deve fazer o mesmo por seu marido. A esposa não tem autoridade sobre seu corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, não é o marido que tem autoridade sobre seu corpo, mas sim a esposa. Não privem um ao outro de terem relações, a menos que ambos concordem em abster-se da intimidade sexual por certo tempo, a fim de se dedicarem de modo mais pleno à oração. Depois disso, unam-se novamente, para que Satanás não os tente por causa de sua falta de domínio próprio. Digo isso como concessão, e não como mandamento. Gostaria que todos fossem como eu, mas cada um tem seu próprio dom, concedido por Deus: um tem este tipo de dom, o outro, aquele. Portanto, digo aos solteiros e às viúvas: é melhor que permaneçam como eu. Mas, se não conseguirem se controlar, devem se casar. É melhor se casar que arder em desejo.

1Coríntios 7.1-9

Nos dois primeiros versículos, Paulo responde se é melhor ficar solteiro ou casar. O apóstolo opta pelo celibato. Quando diz que é bom que o homem não toque em mulher, ele está usando um eufemismo, isto é, uma linguagem que procura ser discreta para não despertar a imaginação. Ele não diz aqui que é proibido encostar em uma mulher, mas que seria preferível que um indivíduo não casasse e não tivesse relações sexuais.

Nossa primeira surpresa é que Paulo parece ser contra o que está escrito em Gênesis, em referência ao ato da criação da humanidade, quando Deus formou o homem, disse não ser bom que ele estivesse só e, então, criou sua companheira. Adão, ao receber Eva como esposa, disse que ela era osso dos seus ossos e carne da sua carne — e o texto complementa, dizendo que os dois seriam uma só carne.

À vista disso, e diante da toda a evidente preferência pelo casamento exposta ao longo da Bíblia, por que Paulo respondeu

que seria bom que o homem não tocasse em mulher? A resposta é que há situações em que o celibato é a melhor opção. Embora o casamento seja o padrão, existem ocasiões e contextos em que ficar solteiro é melhor.

Esse é um assunto que precisa ser resgatado nas igrejas, pois os jovens são ensinados que o casamento é a única opção de felicidade e realização para eles, o que os lança em profunda angústia, porque os anos vão passando e quem não encontra um par passa a enfrentar intensa agonia e senso de inferioridade.

Infelizmente, a pressão que a igreja faz sobre esse assunto cria a impressão para os solteiros de que a única maneira pela qual eles podem ser felizes é mediante o casamento. Porém, nesse texto, Paulo diz que há situações em que a melhor coisa é que não se toque em mulher, isto é, que não se case. A igreja de Corinto vivia intensa perseguição e, nessa situação, Paulo entendia que o melhor era ficar solteiro.

O importante nesse trecho é compreender que permanecer sem se casar e celibatário é uma opção de vida viável e abençoada para jovens cristãos ou para viúvos e viúvas. A pessoa pode ser realizada sem ser casada.

Há muitas atividades e ações que somente pessoas celibatárias, solteiras, descompromissadas, podem fazer. Por exemplo, a força-tarefa missionária da igreja cristã no mundo todo é conduzida, em grande parte, por jovens ou adultos solteiros. Esses irmãos e irmãs enfrentam situações de risco na frente de batalha que, se fossem casados, não poderiam enfrentar.

A história da igreja está cheia de exemplos de pessoas que optaram pelo celibato como sua condição de vida e prestaram um serviço abençoado a Deus e à igreja. Esses indivíduos foram felizes e realizados, por meio da amizade e da comunhão com outras pessoas que supriram o que aparentemente seria uma lacuna na vida delas pela falta de um cônjuge.

O celibato deve ser visto também como opção para cristãos que, mesmo genuinamente convertidos, sentem atração por pessoas do mesmo sexo e que, portanto, não podem casar — pelo menos pela perspectiva da igreja, porque a igreja cristã não celebra

casamentos homoafetivos. O que ocorre é que, às vezes, depois da conversão, o Espírito Santo muda o coração de pessoas homossexuais. Mas, pela minha experiência, esses casos não são muito comuns. O mais usual é que a pessoa seja convertida, perdoada e justificada, mas continue a lutar contra essa tendência, da mesma forma que eu, depois que fui perdoado por Deus, tive de continuar a lutar contra as minhas tendências de cobiçar a mulher do próximo e coisas dessa natureza. Da mesma forma que eu luto, como heterossexual, contra o desejo de ter a mulher do próximo, o homoafetivo convertido que deseja seguir a santificação terá de lutar contra o desejo de ter alguém do mesmo sexo. O celibato é uma opção de vida e a igreja deveria pensar nisso antes de começar a condenar e mandar embora. Afinal, uma coisa é você ser tentado; outra é você consumar o pecado.

O celibato é apresentado na Bíblia com uma possibilidade que deveria ser levada a sério por jovens cristãos, pois muitas pessoas teriam sido mais felizes se tivessem ficado solteiras. A realidade é que podemos afirmar biblicamente que muita gente não tem o dom de casar. É por isso que há tanta separação, porque há casamentos demais e não se vê essa possibilidade. Então, Paulo diz que, no caso daqueles irmãos e irmãs de Corinto, o celibato seria a opção a adotar.

Há um detalhe a ser observado nessa questão. O apóstolo afirma: “Mas, uma vez que há tanta imoralidade sexual, cada homem deve ter sua própria esposa, e cada mulher, seu próprio marido”. Desejo destacar três aspectos desse trecho.

Primeiro, Paulo recomenda o celibato somente em uma situação em que o indivíduo consiga dominar-se e não cair no que ele chama aqui de “imoralidade sexual”. Essa expressão foi traduzida do termo grego *porneia,* de onde derivam vocábulos como “pornografia” e “pornógrafo”. Essa palavra significa qualquer impureza na área sexual e pode ser aplicada para adultério, fornicação, prostituição e uma série de outras relações que são claramente proibidas na Palavra de Deus.

O que Paulo está dizendo é que ele preferia que seus destinatários ficassem solteiros, considerando a situação. Mas,

como havia o risco de eles não resistirem e cometerem *porneia*, deitando-se com prostitutas em templos pagãos ou transando com o namorado, o recomendável seria casar. É melhor que cada um tenha a própria esposa ou o próprio marido. Assim, o caminho de Deus para a satisfação sexual é o casamento. Biblicamente, não há outro caminho: ou se adota o celibato ou se casa. Mas, à luz da Palavra de Deus, não existe a possibilidade de ser santo enquanto se transa com um namorado ou se pula a cerca. Isso não está certo diante de Deus!

Segundo, é claro que o padrão de casamento é o heterossexual, monogâmico: um só homem com uma só mulher. Na época do Antigo Testamento, Deus, em sua paciência, tolerou a poligamia. Quando Cristo se manifestou e o padrão bíblico ficou claro — pois Jesus só tem uma única noiva, uma única igreja — que o homem só pode ter uma única mulher. O Senhor esperou a manifestação do seu Filho, na plenitude dos tempos, para retomar o paradigma que ele havia estabelecido na criação.

Terceiro, Paulo não é machista, um porco chauvinista, como alguns o acusam de ser. Ele dá à mulher o mesmo direito do homem: ao dizer que cada um deve ter a própria esposa e cada uma o próprio marido, está falando de direitos iguais! Não existe nenhum autor bíblico que tenha sido mais atacado com o rótulo de machista que o apóstolo Paulo, simplesmente porque apresentou orientações sobre o papel da esposa na família e na igreja, estabelecendo o homem como líder e a esposa como sua ajudante (Ef 5).

Porém, não há machismo aqui, muito pelo contrário, o que se vê é o autor dar à mulher o mesmo privilégio que ao homem. Como mencionei na obra *A Bíblia e sua família* (Cultura Cristã), “Infelizmente, muitas feministas pensam que Paulo tinha uma ideia muito negativa do casamento e da mulher. Isto não é verdade! Paulo não está dizendo que o casamento é errado, pois ele não contradiria as Escrituras e a regra geral de Gênesis 2.18: ‘Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea’”.

Em suma, Paulo diz que o ideal é que a pessoa case, mas, considerando as circunstâncias, cogitar o celibato é uma boa opção.

Porém, se a decisão for ficar solteiro, deve-se manter puro, sem praticar imoralidade sexual. E, para não cometer impurezas, deve-se estabelecer uma relação heterossexual e monogâmica.

Sexo é dívida

A segunda pergunta dos cristãos de Corinto versava sobre a ideia dualista de que sexo seria algo da carne, ruim, mau. Aqueles indivíduos queriam ser espirituais e, por isso, se questionavam se podiam parar de ter relações sexuais com o cônjuge. Paulo responde: “O marido deve satisfazer as necessidades conjugais de sua esposa, e a esposa deve fazer o mesmo por seu marido”. Em outras palavras, o apóstolo está respondendo que não se pode parar de fazer sexo com o cônjuge — porque sexo no casamento é dívida.

Paulo não está se referindo aqui a satisfazer necessidades materiais dando, por exemplo, uma mesada: está falando especificamente sobre sexo. Quando a pessoa casa, sexo vira dívida. A palavra que aparece aqui foi traduzida do grego *opheilēma,* que tem a mesma raiz do termo que Jesus usa na oração do Pai-nosso, ao dizer: “perdoa as nossas *dívidas*”.

Uma dívida é uma obrigação contraída ao empenhar a palavra de honra, garantindo que se cumpriria ou pagaria algo. Quando as pessoas casam, o fazem na expectativa de usufruir do privilégio sexual no matrimônio. Assim, no ato do casamento, o cônjuge contraiu essa dívida.

É evidente que, embora o sexo seja um dever e uma obrigação, em um casamento harmonioso há paciência e compreensão e, se houver momentos de indisposição, é preciso saber amar e respeitar. Mas isso não pode ser uma constante, pois o resultado será problemático.

O que Paulo quer, aqui, é evitar que alguém, em nome da espiritualidade ou de qualquer outra coisa, se negue a se relacionar sexualmente com o cônjuge. Afinal, todo mundo casa tendo como pressuposto que terá uma vida sexual feliz, satisfatória e constante. Essa é a razão de Paulo dizer que não se pode simplesmente

determinar que, a partir de certo dia, a pessoa não terá mais relações com o cônjuge.

E há mais um argumento: “A esposa não tem autoridade sobre seu corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, não é o marido que tem autoridade sobre seu corpo, mas sim a esposa”. A partir do momento em que um indivíduo casa, não tem mais primazia sobre o próprio corpo — seja o homem, seja a mulher. É por isso que Paulo instrui a considerar o celibato, pois, na hora em que se casa, se contrai uma dívida e perde-se o direito sobre o corpo. E nem todo mundo está pronto a viver o que a Bíblia explicita.

Porém, Paulo, como um experiente pastor, não quer simplesmente fechar a porta para aqueles irmãos e irmãs sinceros, que estavam levantando essas questões porque queriam uma vida mais espiritual. Então, ele abre uma exceção: “Não privem um ao outro de terem relações, a menos que ambos concordem em abster-se da intimidade sexual por certo tempo, a fim de se dedicarem de modo mais pleno à oração”.

Aqui, o apóstolo faz uma concessão, ao dizer para não privar o cônjuge de sexo, a não ser que os dois estejam de acordo. Se ambos concordarem em passar um tempo em jejum sexual, a fim de orar e buscar a Deus, Paulo diz que está tudo bem. Porém, há condições: que seja uma decisão bilateral, por prazo determinado (não se pode fazer voto de celibato estando casado) e somente para que se dedique à oração.

Casamento não é algo que depõe contra a espiritualidade. Na realidade, o casamento é uma expressão da relação de Cristo com a igreja. Por isso, a abstenção sexual no matrimônio só deve ocorrer nessas condições. E, ao término do prazo acordado entre os cônjuges, o que precisa acontecer? “Depois disso, unam-se novamente, para que Satanás não os tente por causa de sua falta de domínio próprio”. Fica claro que Paulo proíbe qualquer voto permanente de abstinência dentro do casamento.

Por via transversa, o apóstolo está advertindo para o perigo que é se negar ao cônjuge. Fica claro, portanto, que é muito arriscado um homem ou uma mulher casado passar meses

trabalhando em outra cidade, se ausentar de casa com muita frequência e situações semelhantes. Como mencionei em *A Bíblia e sua família*, não quero ser insensível com a situação terrível do desemprego no Brasil nem estou dizendo que quem fica muito tempo longe de casa invariavelmente adultera, mas que o princípio estabelecido por Paulo tem validade hoje: os cônjuges precisam de satisfação sexual frequente.

É por isso que Paulo diz que o diabo tenta pela falta de autocontrole. Cônjuges que se privam um ao outro são indiretamente responsáveis por eventuais adultérios que sofram. Como pastor, lido muito com casos de traição conjugal e sempre procuro ter o cuidado de perguntar por que a pessoa cometeu tal ato. Tem gente sem caráter que não precisa de motivo nenhum para trair, mas, às vezes, escuto indivíduos que chegam a mim e relatam estar sem sexo há meses e, eventualmente, há mais de um ano. Isso não justifica o adultério, mas explica. A mulher tola destrói a própria casa, diz Provérbios. Relacionamento sexual tem de ser abundante e constante, e negar-se a ele é expor o cônjuge à tentação e ao pecado.

O diabo sabe que pessoas casadas que já tiveram a experiência sexual e que são privadas pelo cônjuge de ter relações tornam-se vulneráveis. E Satanás tenta exatamente a pessoa cujo cônjuge vem negando sexo a ela durante meses. Na hora em que se é privado, as pessoas do sexo oposto começam a se tornar mais atraentes e interessantes para quem está sem conseguir fazer sexo. O caminho de Deus para a satisfação sexual é o casamento.

Paulo prossegue: “Digo isso como concessão, e não como mandamento”. É importante frisar essa realidade, pois sempre há pessoas que entendem de forma errada esse tipo de instrução e, por falta de compreensão hermenêutica do texto, acabam criando aberrações como “a igreja do jejum sexual”, em que todo membro é obrigado a esse tipo de prática. Isso é errado. Paulo, aqui, está estabelecendo claramente que esse tipo de jejum é uma concessão. Nenhum cristão é obrigado a se abster sexualmente. É preciso que seja uma decisão voluntária.

Casar 'versus' arder em desejo

Paulo volta, em seguida, à questão da possibilidade de ficar solteiro: “Gostaria que todos fossem como eu, mas cada um tem seu próprio dom, concedido por Deus: um tem este tipo de dom, o outro, aquele. Portanto, digo aos solteiros e às viúvas: é melhor que permaneçam como eu. Mas, se não conseguirem se controlar, devem se casar. É melhor se casar que arder em desejo”.

Não sabemos se Paulo era solteiro, viúvo ou separado; ou se foi abandonado pela esposa quando se tornou cristão. Não temos uma resposta definitiva, mas o que sabemos é que Paulo não tinha mulher e não pretendia ter. Ele diz, então, que, considerando a situação, ele preferia que os cristãos de Corinto vivessem como ele, matrimonialmente descompromissados. Contudo, ele reconhece que cada um tem de Deus o seu dom.

A palavra “dom”, aqui, é a tradução do vocábulo grego *charisma*, o mesmo que Paulo usa em 1Coríntios 12 para falar dos dons do Espírito Santo, como os dons de profecia, palavra de conhecimento, palavra de sabedoria e variedade de línguas. Isso tem levado os estudiosos a concluir que o apóstolo cria que casar é um dom, uma habilidade que Deus dá e que nem todo mundo tem.

A pergunta natural que se segue a esse entendimento é: como posso saber se tenho o dom de casar ou não? Paulo responde, ao dizer que, caso a pessoa não se domine, é melhor casar que arder em desejo. Portanto, o indivíduo sabe que tem o dom de ficar solteiro quando percebe que tem interesse por pessoas do sexo oposto mas consegue dominá-lo, controlá-lo e viver livre da *porneia.* Contudo, se o desejo consome como fogo devorador, a opção é o casamento. Não é ficar, juntar, prostituir ou fornicar, mas casar.

Afinal, casamento é o único caminho que Deus providenciou para a satisfação sexual.

Sexo e divórcio

Paulo prossegue nas respostas aos cristãos de Corinto sobre questões específicas daquela comunidade, mas que eram solucionadas pela aplicação de princípios que valem até hoje. A próxima dúvida vinha de pessoas que desejavam saber se deveriam terminar o casamento para melhor servir a Deus. É quando o apóstolo expõe:

> *Para os casados, porém, tenho uma ordem que não vem de mim, mas do Senhor: a esposa não deve se separar do marido. Mas, se o fizer, que permaneça solteira ou se reconcilie com ele. E o marido não deve se separar da esposa. Agora me dirijo aos demais, embora o Senhor não tenha dado instrução específica a respeito. Se um irmão for casado com uma mulher descrente e ela estiver disposta a continuar vivendo com ele, não se separe dela. E, se uma irmã for casada com um homem descrente e ele estiver disposto a continuar vivendo com ela, não se separe dele. Pois o marido descrente é santificado pela esposa, e a esposa descrente é santificada pelo marido. Do contrário, os filhos seriam impuros, mas eles são santos. Se, porém, o cônjuge descrente insistir em se separar, deixe-o ir. Nesses casos, o irmão ou a irmã não está mais preso à outra pessoa, pois Deus os chamou para viver em paz. Você, esposa, como sabe que seu marido poderia ser salvo por sua causa? E você, marido, como sabe que sua esposa poderia ser salva por sua causa?*
>
> 1Coríntios 7.10-16

Primeiro, Paulo responde sobre o caso de um casal em que ambos os cônjuges são cristãos. A esses, o apóstolo diz que a mulher não deve se separar do marido e, se vier a se separar, não deve se recasar, mas se reconciliar com ele — que, por sua vez, não deve se apartar da esposa.

Paulo está, simplesmente, interpretando as palavras de Jesus na conhecida passagem de Mateus 19, quando alguns fariseus perguntaram a ele se era lícito ao homem largar sua mulher

por qualquer motivo. A resposta de Cristo é que quem repudiar a mulher sem ser por causa de relações sexuais ilícitas e casar com outra comete adultério, e quem casar com a repudiada também comete adultério.

No contexto, é evidente para mim que esse repúdio é uma alusão a dar uma carta de divórcio, pois, quando os discípulos ouviram isso, ficaram eriçados, dizendo que, se é assim, melhor seria não casar. Por que houve essa reação dos discípulos? Exatamente porque Jesus fez com que a porta de saída fosse muito estreita, ao afirmar que só se sai do matrimônio se o cônjuge adulterar. E a resposta de Cristo ao espanto daqueles homens é que nem todo mundo é apto a receber esse ensinamento — que é a mesma resposta de Paulo: nem todo mundo tem esse dom.

Portanto, antes de casar é preciso pensar bem, pois a porta de entrada é larga, mas a de saída é estreita. É justamente por Paulo estar interpretando Jesus que ele diz que tinha uma ordem "que não vem de mim, mas do Senhor", pois Jesus já havia se pronunciado a respeito desse assunto: não tendo havido adultério, não há nenhuma base para o divórcio.

Conhecendo a natureza humana e, particularmente, a situação dos coríntios, Paulo sabia que alguns perseverariam na ideia de se separar. Por isso, ele estabelece que, se ainda assim, a mulher viesse a se divorciar, deveria manter-se sem recasar ou, então, se reconciliar com o marido. Com isso, o apóstolo preservou a porta de saída estreita que Jesus havia exposto em Mateus 19.

A pergunta dos coríntios é nobre. Eles estavam querendo se separar para servir melhor a Deus, a fim de serem missionários. Hoje em dia, é diferente: as pessoas querem se separar porque "não estão felizes no matrimônio". O que teria levado o Senhor a desautorizar divórcios motivados por "infelicidade conjugal"? O fato de que para todo casamento existe uma solução.

Sou pastor há quatro décadas e já tratei de casos tristes de casais que chegaram a mim à beira da separação e que, mediante aconselhamento, ajuda, arrependimento, perdão e quebrantamento, mudaram de vida e, hoje, vivem em plena felicidade matrimonial. Boa parte das separações se enquadra naquilo que Jesus disse em

Mateus 19: são consequência da dureza de corações que não perdoam nem pedem perdão. Mas as pessoas não querem fazer isso; almejam um caminho mais fácil, quando a Bíblia é claríssima a respeito do assunto! Paulo está dizendo que Jesus já havia estabelecido o padrão divino para a humanidade: casados não devem se separar e, se vierem a tomar essa decisão, que casem ou se reconciliem com o cônjuge — a não ser que tenha havido adultério.

Porém, Paulo se vê diante de uma pergunta que Jesus não havia respondido: e se o cônjuge não for cristão, não seria justificável se separar? Como Jesus ministrou aos judeus, entre eles não havia casamento misto. Mas, quando Paulo prega o evangelho entre os gentios, ele encontra esta situação: o evangelho é pregado, um dos cônjuges de converte e o outro, não. Diante disso, como agir? A pessoa crente pode se separar da descrente?

Paulo começa sua resposta dizendo: “Agora me dirijo aos demais, embora o Senhor não tenha dado instrução específica a respeito”. É importante ressaltar que isso não significa que o apóstolo não tem autoridade ou que está falando sem autoridade do Espírito Santo: ele está simplesmente dizendo que Jesus nunca falou especificamente sobre esse tema. Portanto, sua resposta é como apóstolo inspirado, isto é, como alguém cuja palavra tem tanta autoridade quanto a de Jesus nesse assunto.

Devemos perceber que Paulo não está encorajando o casamento de um cristão com um descrente. Toda orientação bíblica, no Antigo e no Novo Testamento, é para que os servos de Deus procurem casar entre si. Mas, aqui, o apóstolo está contemplando uma situação real de um casal pagão em que um dos cônjuges se converteu e o outro, não. Nesses casos, havia a dúvida sobre se seria possível, ou mesmo recomendável, se divorciar.

Paulo responde que, se o cônjuge descrente aceita prosseguir na relação, apesar da nova situação religiosa da família, então o cristão não deve abandonar o casamento em nome do cristianismo. Até porque, como já vimos, primeiro veio o matrimônio e, só depois, a religião. Portanto, Deus não autoriza desfazer um casamento em nome da religião.

Certa vez, fui pregar em uma igreja sobre casamento e, quando terminei a ministração, um rapaz muito aflito, casado com uma mulher descrente, veio falar comigo. Ele explicou que naquela igreja havia uma “profetisa” que sempre lhe dizia que se separasse da “esposa ímpia”, pois “Deus tinha preparado um vaso, uma varoa, uma santa mulher” para ele. O rapaz me perguntou se aquilo era de Deus. Diante disso, abri a Bíblia em 1Coríntios 7 e lhe perguntei se sua esposa consentia em morar com ele estando consciente de que ele era cristão. Quando ele afirmou que sim, expliquei que o Espírito Santo não se contradiz e que aquela mulher não poderia estar profetizando pelo Espírito de Deus.

Que argumentos Paulo dá para que um cristão não abandone um cônjuge descrente? O apóstolo explica que o incrédulo é santificado pela presença de quem crê, assim como a casa de Potifar foi santificada pela presença de José. Isso não quer dizer que somente a presença de um santo garante a salvação automática de quem está ao redor, mas que Deus vai abençoar aquela família porque um de seus integrantes é cristão.

Todavia, se o cônjuge descrente quiser ir embora, isto é, acabar o casamento, a orientação é que não se impeça que ele vá. Nesse caso, “o irmão ou a irmã não está mais preso à outra pessoa, pois Deus os chamou para viver em paz”. Isto é, se partir do descrente a iniciativa de terminar o matrimônio, que se deixe ele partir.

Já fui questionado sobre qual seria a orientação bíblica em caso de violência doméstica. Entendo que a agressão física se encaixa aqui, pois esse é o pior tipo de abandono: o de corpo presente. Creio que essa situação admite o divórcio e o novo casamento, porque ela faz parte desse contexto. Para mim, uma pessoa que se diz cristã, mas espanca o cônjuge, é, na realidade, uma incrédula. Ela deveria ser disciplinada pela igreja e excluída da comunidade cristã, para que o cônjuge ficasse livre para pedir o divórcio e, se Deus abrir a porta, casar com outra pessoa.

Já ouvi muitas vezes, em aconselhamentos pastorais, mulheres de Deus que suportam traições e espancamentos por crer que serão usadas pelo Senhor para converter o marido. A resposta

de Paulo a isso é: “Você, esposa, como sabe que seu marido poderia ser salvo por sua causa? E você, marido, como sabe que sua esposa poderia ser salva por sua causa?”. Deus não nos chamou para servidão, mas, sim, para a paz.

Então, nesses casos de abandono da parte do descrente, Paulo abre a segunda exceção. Ao tratar da questão do divórcio, apenas duas situações são claras na Bíblia: primeiro, quando há adultério; segundo, mediante abandono da parte do descrente, o que inclui a agressão física.

Palavras de encorajamento

Gostaria de finalizar este capítulo com algumas palavras de encorajamento. Primeiro, para os adolescentes e jovens que têm o sonho de casar. Louvo a Deus por isso e peço a ele que providencie para vocês bons cônjuges, porque casamentos abençoados são a base da igreja. Mas também gostaria que contemplassem a possibilidade de que o Senhor tenha outro caminho para vocês, o do celibato, isto é, o de permanecer solteiro e puro, consagrado a Deus, a fim de obter realizações pessoais que de outra forma não seria possível obter. A vida de celibato pode ser extremamente prazerosa e cheia de realizações.

Faço um apelo aos pais e aos líderes: não pressionem demais. Não façam *bullying* com as moças. Muitas vezes, mulheres de certa idade que não se casaram são alvo de piadinhas. Assim, elas se lançam no primeiro relacionamento que aparece, somente para que o assédio cesse, e acabam se divorciando poucos anos depois. Parem de fazer pressão, como se casar fosse a única opção para os nossos jovens. Não é!

Uma palavra para quem está casado, mas em uma relação conjugal difícil: casamento nunca é uma situação fácil, pois trata-se de dois pecadores que vivem sob o mesmo teto. Não tem como ser fácil. Mas, se Deus fez a porta de saída de um matrimônio tão estreita é porque ele quer ajudar você a permanecer e encontrar caminhos para a realização pessoal.

Talvez você precise ver que o alvo do casamento não é a sua felicidade. Você devia ter casado para fazer o outro feliz e não para ser feliz, porque, se esse foi o foco, é óbvio que, quando você se sentir infeliz, vai querer abandonar a relação. Mas, se o seu alvo é amar aquela pessoa como você jurou e prometeu, servir o cônjuge e fazê-lo feliz, então você vencerá o ronco, o mau hálito, a falta de romance e uma série de outras coisas. O seu casamento tem jeito, sim! Não desista do seu matrimônio, em nome de Jesus!

Minha última palavra neste capítulo é para quem passou por um processo de divórcio sem ser pelas razões bíblicas. Talvez, tenha até casado de novo e, agora, esteja sem saber o que fazer diante do conhecimento da verdade bíblica. A Palavra de Deus diz que só há um pecado sem perdão, que é a blasfêmia contra o Espírito Santo; tudo mais pode ser perdoado. Portanto, o que você deve fazer é, diante de Deus, reconhecer que errou, pedir perdão e aprender com o erro.

Assim, peça perdão a Deus pelos erros cometidos e humilhe-se diante dele. Há situações para as quais não há retorno e não vou lhe dizer que termine o segundo casamento porque o primeiro foi desfeito da maneira errada. O que lhe recomendo é que peça perdão a Deus pelos seus erros, humilhe-se, ame seu cônjuge e procure não repetir os erros que certamente foram cometidos no primeiro casamento. Com isso, creio que Deus abençoará sua vida e guardará você e seus filhos na palma de sua mão.

Oremos

Senhor, nosso Deus, suplicamos que abençoes os jovens cristãos solteiros que desejam casar. Concede-lhes paciência e perseverança na santidade, enquanto aguardam a manifestação da tua vontade em sua vida. Oramos também por aqueles que não irão casar. Concede-lhes graça para perceberem a beleza do celibato cristão e como eles podem se realizar como solteiros. Oramos também pelos casados, para que creiam nas tuas promessas e confiem que o Senhor pode

ajudá-los a resolver os problemas que têm surgido em seu casamento. Dá-nos matrimônios firmes e felizes, para o bem da igreja e para a glória de teu nome. Em nome de Jesus. Amém.

3. Pureza sexual

Corinto não era uma cidade favorável à plantação de uma igreja. Ainda assim, Deus enviou o apóstolo Paulo para a localidade. Aquela era uma cidade importante, pois, além de ser a sede administrativa da província de Acaia, era uma área portuária, com uma movimentação comercial bastante grande. Muitos estrangeiros moravam ali, o que lhe deu o caráter de polo multicultural. Era financeiramente próspera e se tornou famosa pela quantidade de templos pagãos que abrigava, erigidos para que a população prestasse tributo a muitos deuses. Como vimos no capítulo anterior, sua população era sexualmente devassa e praticava imoralidades sexuais até mesmo como expressão de culto aos ídolos.

A igreja de Corinto cresceu nesse ambiente e não demorou para que fosse influenciada pela cultura da cidade. Apesar de muitos de seus membros buscarem com sinceridade compreender o cristianismo e viver uma espiritualidade sã e fiel, ainda assim, o pensamento dualista gerava muitos estragos em seu seio. Se ela abrigava cristãos extremamente sinceros em suas intenções, também havia entre seus membros pessoas que continuavam com práticas problemáticas e sexualmente escandalosas.

A primeira carta de Paulo aos coríntios nos faz perceber que muitos dos que compunham a igreja de Corinto tinham um passado de imoralidade e devassidão:

> *Vocês não sabem que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não se enganem: aqueles que se envolvem em imoralidade sexual, adoram ídolos, cometem adultério, se entregam a práticas homossexuais, são ladrões, avarentos, bêbados, insultam as pessoas ou exploram os outros não*

herdarão o reino de Deus. Alguns de vocês eram assim, mas foram purificados e santificados, declarados justos diante de Deus no nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus.

1Coríntios 6.9-11

Paulo explicita ter conhecimento de que irmãos e irmãs da igreja de Corinto haviam praticado esse tipo de atitudes imorais antes da conversão. O problema é que muitos afirmavam ter se convertido e desejavam participar da convivência da comunidade de fé, mas continuavam tendo comportamentos sexualmente reprováveis.

O apóstolo relata, em 1Coríntios 5, que havia entre os cristãos da cidade até mesmo um homem que estava vivendo com a madrasta, isto é, pai e filho tinham uma mesma mulher. E a coisa não parava por aí:

"Tudo me é permitido", mas nem tudo convém. "Tudo me é permitido", mas não devo me tornar escravo de nada. "Os alimentos foram feitos para o estômago, e o estômago para os alimentos." É verdade, mas um dia Deus acabará com os dois. Vocês, contudo, não podem dizer que nosso corpo foi feito para a imoralidade sexual. Ele foi feito para o Senhor, e o relacionamento que o Senhor tem conosco inclui nosso corpo. Portanto, Deus nos ressuscitará dos mortos por seu poder, assim como ressuscitou o Senhor. Vocês não sabem que seu corpo é, na realidade, membro de Cristo? Acaso um homem deve tomar seu corpo, que faz parte de Cristo, e uni-lo a uma prostituta? De maneira nenhuma! E vocês não sabem que se um homem se une a uma prostituta ele se torna um corpo com ela? Pois as Escrituras dizem: "Os dois se tornam um só". Mas a pessoa que se une ao Senhor tem com ele uma união de espírito. Fujam da imoralidade sexual! Nenhum outro pecado afeta o corpo como esse, pois a imoralidade sexual é um pecado contra o próprio corpo. Vocês não sabem que seu corpo

é o templo do Espírito Santo, que habita em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês não pertencem a si mesmos, pois foram comprados por alto preço. Portanto, honrem a Deus com seu corpo.

1Coríntios 6.12-20

Nessa passagem, está implícito que alguns dos membros da igreja continuavam a praticar a prostituição, fosse nos templos pagãos, fosse nas ruas e alcovas da cidade. Isso fica claro porque não haveria razão para Paulo fazer menção a relações sexuais com prostitutas se não houvesse a necessidade de exortar os irmãos sobre isso. Aquela igreja tinha um problema sério com relação à sexualidade, com a prática de impurezas em diversos níveis.

Aparentemente, esses imorais que participavam da igreja usavam uma série de justificativas para tentar embasar sua maneira de viver, como: “Tudo é lícito ao cristão, pois os pecados já foram perdoados. Sexo é normal e natural, uma vez que Deus nos criou com impulso sexual. Tudo é permitido ao cristão, já que o Senhor criou todas as coisas e somos livres para participar delas”. Precisamos analisar a resposta que Paulo dá a esse tipo de justificativa, seguida da perspectiva cristã a respeito do corpo e de aplicações práticas para nós, em nossos dias.

Paulo responde ao aforismo dos coríntios, “Tudo me é permitido”, aparentemente concordando com a afirmação, porque ao cristão tudo é permitido. Paulo não é um legalista; afinal, um cristão não é alguém que se caracteriza principalmente por viver aferrado a um código moral absoluto, pelo qual ele será salvo. Em Cristo, nós descobrimos a liberdade de desfrutar o mundo que Deus nos deu e de viver com alegria, aproveitando as bênçãos divinas. Mas ele dá dois limites à liberdade do cristão.

O primeiro limite é que, se é verdade que tudo nos é permitido, “nem tudo convém”. Isto é, nem tudo que é permitido conduz a um fim proveitoso, seja para o crente, seja para as pessoas ao redor dele, seja para sua família, seja para a igreja.

O segundo limite é que, se é verdade que tudo nos é permitido, não devemos nos tornar escravos de nada. O desejo sexual é bom e legítimo, mas os coríntios haviam se deixado dominar pelo desejo, perderam o controle dos corpos e se entregaram à prostituição, à fornicação e ao adultério.

Teologia do corpo

Depois de rebater as desculpas esfarrapadas dos coríntios para praticar imoralidades sexuais, Paulo elabora uma “teologia do corpo”, com seis argumentos distintos. Ele fala do corpo que Deus nos deu e de seu valor e propósito, com o objetivo de fazer com que os coríntios vissem que o estavam usando de maneira errada ao praticar todo tipo de imoralidade.

O corpo foi feito para o Senhor

Primeiro, Paulo começa dizendo que nosso corpo foi feito para o Senhor, assim como os alimentos são feitos para o estômago e o estômago para os alimentos. Mais uma vez, isso era algo que seus destinatários alegavam, a fim de justificar suas ações pecaminosas.

Eles afirmavam que, se Deus fez o estômago, é porque havia alimentos a serem digeridos por ele. Do mesmo modo, eles alegavam, se o ser humano tem órgãos sexuais, logo, fazer sexo é a mesma coisa de satisfazer o apetite por comida. Em suma, esse argumento versava que, se Deus fez o estômago para que comêssemos, também fez os genitais para que fizéssemos sexo.

A resposta de Paulo é que “um dia Deus acabará com os dois”. Isto é, as necessidades de comida, sexo e tudo mais fazem parte do mundo presente, que haverá de passar, e serão destruídos no dia do juízo. Porém, o corpo tem uma finalidade que vai além das necessidades materiais. Ele não foi feito para impurezas e só há um ambiente legítimo para satisfazermos os desejos sexuais, que é o casamento — fora disso é impureza. A questão é que o corpo não foi feito para impurezas, mas para o Senhor Jesus Cristo. Essa é uma verdade de que nós devemos lembrar: Deus nos fez com um corpo para que pudéssemos pertencer a Jesus.

O mais impressionante é que Paulo declara: “o relacionamento que o Senhor tem conosco inclui nosso corpo”. Com isso, fica claro por que ele encarnou e por que Deus nos fez com um corpo. Nós pertencemos ao Senhor Jesus e ele nos pertence — essa é a finalidade gloriosa do corpo.

O corpo tem propósito glorioso

Segundo, Paulo diz que nosso corpo um dia será ressuscitado pelo poder do Criador: “Deus nos ressuscitará dos mortos por seu poder, assim como ressuscitou o Senhor”. O que saiu da sepultura, domingo pela manhã, não foi um fantasma, um corpo etéreo, um corpo espiritual feito de gás ou um holograma; Jesus ressuscitou com corpo real, o corpo com o qual ele viveu — porém, glorificado, exaltado, celestial e físico, com propriedades naturais e sobrenaturais.

O mesmo ocorrerá conosco. Nosso corpo frágil e sujeito a doenças será ressuscitado com as mesmas características que o corpo de Jesus após a ressurreição.

Quando penso nesse fim glorioso que Cristo deu ao meu corpo, fico com vergonha sempre que o uso da maneira errada. O propósito do corpo que Deus nos concedeu é glorioso: a ressurreição dos mortos e a glória eterna.

Nosso corpo é extensão física de Cristo

Terceiro, nossos membros são membros de Cristo: “Vocês não sabem que seu corpo é, na realidade, membro de Cristo?”. Nós somos a extensão física de Jesus neste mundo, pela habitação dele em nós. Sim, o Senhor está encarnado no meio do seu povo.

Por isso, Paulo indaga: “Acaso um homem deve tomar seu corpo, que faz parte de Cristo, e uni-lo a uma prostituta?”. O que ele está dizendo é que, na hora em que você se deita com seu namorado ou sua namorada, em uma relação promíscua, ou na hora em que você paga os serviços sexuais de alguém, está levando Cristo para aquela relação. De igual modo, quando você trai seu cônjuge, leva Cristo para aquele motel. O questionamento de Paulo é: vou envolver Cristo no meu adultério? Vou levá-lo a um

prostíbulo, ao banco de trás do carro ou ao motel? Esse pensamento deveria fazer um cristão morrer de vergonha.

A resposta de Paulo é: “De maneira nenhuma! E vocês não sabem que se um homem se une a uma prostituta ele se torna um corpo com ela? Pois as Escrituras dizem: ‘Os dois se tornam um só’”. O apóstolo está se baseando no relato da criação, de Gênesis, segundo o qual, pelo relacionamento sexual, eu me torno um com a outra pessoa (não necessariamente casado com ela mediante a relação sexual). Portanto, se eu me deito com uma pessoa que não é o meu legítimo cônjuge, estou levando Cristo para aquela relação.

“Mas a pessoa que se une ao Senhor tem com ele uma união de espírito”, diz Paulo, deixando claro que já estamos unidos ao Senhor Jesus, nosso corpo é expressão dele neste mundo, nossos membros são membros do corpo de Cristo. Estamos unidos a ele assim como um homem está unido à sua legítima esposa pelo casamento e pelo relacionamento matrimonial. É por essa razão que a imoralidade é um pecado contra essa união mística do crente com Jesus Cristo.

Pecados são iguais, mas têm consequências diferentes

Quarto, Paulo diz que “Nenhum outro pecado afeta o corpo como esse, pois a imoralidade sexual é um pecado contra o próprio corpo”. Todos os pecados são iguais diante de Deus. Todavia, alguns pecados trazem consequências mais severas e mais adversas. Os pecados de natureza sexual, que transgridem o sétimo mandamento, trazem sequelas para as pessoas que os praticam, os seus amantes, o seu grupo social, a família, os filhos, a sua memória, a sua história; em suma, afeta toda a sua vida. Por isso eles são tão sérios.

Há uma consequência mais pesada na prática da imoralidade do que em uma mentira, por exemplo, embora todo pecado seja igualmente pecado diante de Deus. As consequências, porém, são diferentes. Ao praticar a imoralidade sexual, atingimos nossa própria essência, porque Deus nos deu um corpo para que fosse de Cristo. Logo, a impureza atinge a essência do nosso ser.

O corpo é templo de Deus

Quinto, Paulo afirma: “Vocês não sabem que seu corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês não pertencem a si mesmos”. A palavra “templo” é a tradução do termo grego *naos*, que se refere ao Santo dos Santos, a parte mais interior do tabernáculo e, depois, do templo de Jerusalém. Lá, somente os sacerdotes podiam entrar, uma vez por ano, onde estava a arca da aliança e onde Deus descia com a nuvem da sua presença e mostrava a sua glória. Era o local onde Deus habitava. O Senhor não habita mais em templos ou tabernáculos, em construções feitas por homens, mas em nós.

Nós somos o santuário de Deus, o templo do Senhor neste mundo. O Espírito Santo habita em nós, vindo da parte de Deus, e, portanto, não pertencemos a nós mesmos. Isso significa que não temos o direito de fazer o que quisermos com seu corpo, porque ele é habitação divina.

Por exemplo, muitos cristãos têm dúvidas sobre a licitude de praticar sexo anal. A resposta está neste texto, em que Paulo fala sobre relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo: “Por isso, Deus os entregou a desejos vergonhosos. Até as mulheres trocaram sua forma natural de ter relações sexuais por práticas não naturais. E os homens, em vez de ter relações sexuais normais com mulheres, arderam de desejo uns pelos outros. Homens praticaram atos indecentes com outros homens e, em decorrência desse pecado, sofreram em si mesmos o castigo que mereciam” (Rm 1.26-27). Paulo se posiciona de forma condenatória em relação às relações homossexuais, ao dizer que elas são erradas por serem contrárias à natureza.

O que esse texto infere é que Deus criou o homem e a mulher de maneira anatomicamente correta, para que tivessem relações entre si. Ele criou genitais perfeitamente adaptados ao intercurso sexual. Pensando dessa perspectiva, o sexo anal configuraria um uso antinatural dos órgãos genitais e do sistema excretor. Lembremos que o ânus não foi feito para ser entrada, mas para ser saída de imundícies. É o “esgoto” do corpo, não é

anatomicamente preparado para a penetração e não apresenta a higiene e a lubrificação naturais para um ato sexual.

Não é o fato de ocorrer entre marido e mulher que torna o sexo anal aceitável. Não concordo com a ideia de que, entre quatro paredes, vale tudo para um casal. O limite é: o que é feito ali dentro está de acordo com o que o Criador idealizou? Se não, o que está se fazendo é aviltar o uso natural do corpo, o que macula o santuário de Deus.

Cristo pagou alto preço para Deus habitar em nós

O sexto e último argumento de Paulo está no versículo 20: “Vocês não pertencem a si mesmos, pois foram comprados por alto preço”. Nosso corpo foi redimido da corrupção, da destruição e do inferno por um preço muito alto, que foi o corpo de Cristo pendurado na cruz, sangrando, sofrendo, sendo torturado, experimentando os sofrimentos do inferno no nosso lugar a fim de que o nosso corpo pudesse ser redimido da escravidão do pecado e se tornasse templo do Espírito Santo. Que honremos esse sacrifício, mantendo nosso corpo puro e santo.

Aplicações práticas

A passagem bíblica de 1Coríntios 6.12-20 traz duas aplicações práticas para a vida do cristão. Primeira, Paulo estabelece: “Fujam da imoralidade sexual!”. O termo aqui é *porneia*, que, como já vimos, expressa toda a gama de pecados sexuais. Portanto, o apóstolo nos admoesta a fugir, isto é, evitar toda e qualquer situação que pode nos levar a pecar, orando, pedindo a Deus o livramento e cortando tudo o que pode provocar imoralidade.

As possibilidades de praticar impureza sexual estão ao nosso redor. Nossa sociedade, assim como a de Corinto, é moralmente corrompida. O Brasil e a sociedade ocidental pós-moderna é permeada por devassidão, lassidão dos costumes, relativismo, hedonismo, perda de referenciais de certo e errado. Todos ao nosso redor vivem para gratificar os desejos do corpo.

Mas os cristãos não foram chamados para serem assim. Deus nos criou com uma finalidade, ele formou nosso corpo com propósitos definidos e puros. É com este mesmo corpo, porém glorificado, que viveremos em novo céu e nova terra, mediante a ressurreição.

A segunda aplicação prática das orientações de Paulo está nas palavras: “Portanto, honrem a Deus com seu corpo”. Muitas pessoas costumam usar versículos bíblicos fora de contexto e, nesse caso, interpretam esse mandamento como fazer coreografia no culto. Entendem que honrar e glorificar Deus com o corpo é dançar, fazer trenzinho e manifestar expressões de alegria e emoção na adoração por meio de algum tipo de dança, pulo ou rodopio.

Honrar a Deus com o corpo não significa nada disso, mas usar o corpo da maneira que o Senhor determinou, de modo que Deus seja honrado e glorificado, cumprindo o propósito pelo qual o Criador formou nosso corpo. Em outras palavras, é viver uma vida santa e reta diante dele.

Talvez você tenha usado o corpo por toda sua vida para satisfazer os desejos sexuais. É possível que venha há muito tempo se envolvendo em imoralidade, pornografia, masturbação, relações com o namorado, adultério ou prostituição. Se é o seu caso, saiba que você está usando seu corpo de modo errado.

Todavia, Deus pode perdoá-lo e lhe dar um novo começo. Foi pago um alto preço na cruz do Calvário para que você pudesse começar de novo, com um corpo limpo, santo, purificado, reservado e dedicado a Deus e à sua glória.

Isso não quer dizer que você vai viver como um monge. Os cristãos desfrutam muito do sexo dentro do casamento. O matrimônio cristão é ambiente de prazer, alegria e expressão sexual profunda. Mas isso deve ocorrer da maneira correta, com a pessoa certa — aquela com a qual nos comprometemos e nos casamos diante de Deus.

Oremos

Pai, obrigado pelo corpo que o Senhor nos deu. Temos um privilégio maior do que os anjos, que não sabem do que estamos falando, pois não têm corpo. Mas tu nos deste um corpo que pode sentir, provar, ouvir, testar. Pedimos perdão pelas vezes em que usamos nosso corpo de maneira errada. Peço que o Senhor nos ensine a ver o destino glorioso que tens para nosso corpo. Queremos agradecer-te e pedir que tenhamos profunda comunhão com Cristo por meio dele. Em nome de Jesus. Amém.

4. Livres da imoralidade sexual

O apóstolo Paulo trata da questão da pureza sexual também em outras passagens da sua correspondência. Além de abordar o assunto junto aos coríntios, ele enxerga a necessidade de fazê-lo com os cristãos da recém-plantada igreja de Tessalônica, que, assim como os irmãos de Corinto, também tinham origem grega. Eles haviam sido alcançados pela graça de Deus havia um tempo relativamente curto e precisavam de orientações a respeito de suas práticas sexuais.

A fundação da igreja de Tessalônica está narrada em Atos 17. O apóstolo chega ali, gasta um tempo pregando, talvez um ou dois meses, planta a igreja e pessoas são agregadas à comunidade de fé, batizadas e instruídas. Contudo, logo Paulo tem de fugir da cidade por conta da perseguição ferrenha.

O apóstolo tenta voltar algumas vezes, mas é impedido. Finalmente, ele decide enviar Timóteo, a fim de saber como estão os convertidos. Afinal, Paulo havia passado muito pouco tempo entre eles e queria notícias daqueles queridos irmãos.

Timóteo, então, volta e traz boas notícias a respeito da igreja de Tessalônica (1Ts 3.6). O jovem discípulo diz a Paulo que os recém-convertidos estão firmes na fé, apesar da perseguição, o amam e estão perseverando em meio às dificuldades. Porém, acrescenta que ficaram, ainda, alguns assuntos que precisavam de maior esclarecimento. Entre os temas que careciam de complementação e reforço, estavam a segunda vinda do Senhor e a questão da sexualidade sadia. Portanto, Paulo escreve aos irmãos e às irmãs de Tessalônica dando importantes instruções a respeito de sexo:

Finalmente, irmãos, pedimos e incentivamos em nome do Senhor Jesus que vivam para agradar a Deus, conforme lhes instruímos. Vocês já vivem desse modo, e os incentivamos a fazê-lo ainda mais, pois se lembram das instruções que lhes demos pela autoridade do Senhor Jesus. A vontade de Deus é que vocês vivam em santidade; por isso, mantenham-se afastados de todo pecado sexual. Cada um deve aprender a controlar o próprio corpo e assim viver em santidade e honra, não em paixões sensuais, como os gentios que não conhecem a Deus. Nesse assunto, não prejudiquem nem enganem um irmão, pois o Senhor punirá todas essas práticas, como já os advertimos solenemente. Pois Deus nos chamou para uma vida santa, e não impura. Portanto, quem se recusa a viver de acordo com essas regras não desobedece a ensinamentos humanos, mas rejeita a Deus, que lhes dá seu Espírito Santo.

1Tessalonicenses 4.1-8

Quando Paulo esteve entre os tessalonicenses, ele os ensinou e doutrinou em várias áreas, como posteriormente relatou: “Finalmente, irmãos, pedimos e incentivamos em nome do Senhor Jesus que vivam para agradar a Deus, conforme lhes instruímos”. Isto é, quando Paulo esteve entre eles, pregando o evangelho, não deixou de orientar os recém-convertidos acerca de como deveriam viver. Afinal, o evangelho não é apenas uma doutrina, mas uma maneira de viver.

Não é à toa que, no princípio, o cristianismo foi conhecido como “o caminho”. As qualificações “cristão” e “cristianismo” vieram depois, mas o primeiro termo pelo qual se conheceu o movimento iniciado por Jesus foi “o caminho”, uma vez que se trata de uma rota de vida — o que implica andar, comprometer-se, ter um alvo e uma direção. A fé cristã não é formada somente por pontos dogmáticos em que devemos crer, mas pressupõe toda uma maneira de viver.

Paulo havia instruído os tessalonicenses a respeito disso, tanto que enfatiza esse fato: “Vocês já vivem desse modo, e os

incentivamos a fazê-lo ainda mais, pois se lembram das instruções que lhes demos pela autoridade do Senhor Jesus". Com base nos ensinos de Cristo, na sua pessoa, morte e ressurreição, o apóstolo havia dado muitas instruções àqueles irmãos e irmãs sobre como eles deveriam viver em meio à sociedade corrompida em que estavam inseridos.

Paulo tinha consciência de que eles estavam obedecendo aos mandamentos de Deus, pelo testemunho de Timóteo. Mas fica claro que ele queria insistir mais nesse assunto. Eles já estavam inteirados e tinham conhecimento, mas precisavam pôr em prática e transformar em atos os conselhos que receberam. Timóteo deve ter informado a Paulo que era preciso uma ênfase maior naquilo que o apóstolo havia ensinado nas poucas semanas em que esteve em Tessalônica a respeito da necessidade de uma vida livre da imoralidade sexual.

Aquele reforço era necessário, como é para cada um de nós, hoje, porque não aprendemos facilmente. É muito difícil mudarmos de forma integral ouvindo algo somente uma vez. É preciso repetição, ensino e sempre voltar aos pontos essenciais. Isso não quer dizer que não conheçamos as verdades. Eu dificilmente tenho a dizer a você neste livro algo que você já não saiba, mas, da mesma forma que Paulo, aqui, está repetindo o que já havia dito, nós precisamos sempre alertar os irmãos. Afinal, a tentação em nosso coração e a pressão do mundo são constantes, não param. Por isso, temos de estar sempre alertas e retornar com frequência a esse tema.

Esse ensino era muito importante em Tessalônica em razão de, como já vimos, o mundo grego não incentivar a pureza. Um homem ser casado e ter amantes era algo extremamente tolerado pela sociedade. A prática da prostituição cultual também era muito comum, bem como a da pedofilia e a da pederastia, que faziam parte da vida social — homens adultos tomavam garotos e os introduziam à vida adulta por meio da sodomia.

Como o ambiente era muito carregado, em termos morais, os cristãos precisavam ser orientados a respeito de como deveriam se comportar em um mundo que não respeitava nem a família nem os

valores morais e que exaltava o prazer a todo custo, o erotismo e toda sorte de depravação. É por isso que Paulo expõe as verdades elencadas em 1Tessalonicenses 4.1-8.

Progressão constante na santidade

A fim de incentivar aqueles irmãos e irmãs a prosseguir na pureza sexual, Paulo pede, em nome de Jesus, que eles continuem a progredir nesse assunto, “pois se lembram das instruções que lhes demos pela autoridade do Senhor Jesus”. A palavra “instruções”, no contexto, é um termo tirado do vocabulário militar, que significa “ordem”. É uma construção com efeito normativo, com autoridade. Paulo, como apóstolo de Cristo, podia dizer isso. Em sua viagem anterior a Tessalônica, ele já havia dito para aqueles recém-convertidos como eles deveriam viver em termos de sexualidade e, agora, o que Paulo pede é que perseverem nessa progressão.

Em seguida, o apóstolo especifica a que instrução em particular ele se refere: “A vontade de Deus é que vocês vivam em santidade”. Neste ponto, precisamos fazer uma distinção. A vontade de Deus na Bíblia significa duas coisas: primeiro, aquela vontade secreta, que nenhum de nós conhece, pois não foi revelada, pela qual ele dirige a história e a providência. Por exemplo, eu não sei qual é a vontade de Deus para mim, amanhã. Desconheço se estarei vivo, se vou almoçar no restaurante ou em casa, coisas assim. É por isso que devemos viver na dependência dele.

Mas a vontade de Deus, na Bíblia, também se refere àquilo que ele já disse na sua Palavra e, portanto, não é preciso ficar perguntando, pois não é secreto. É o caso do que Paulo menciona aqui: que a vontade de Deus é que vivamos em santidade. Essa realidade não é misteriosa, não está oculta, é pública é declarada: a vontade de Deus para todos os seus filhos é que eles sejam santos, puros. Você não precisa indagar se deve ir para a cama com o namorado, pois a Bíblia já deixou claro que a resposta é *não*. Tampouco alguém casado necessita perguntar a Deus se deve

dormir com uma mulher que não é sua esposa, porque a vontade dele, explícita nas Escrituras, é *não adulterarás*.

Desse modo, quando Paulo diz que a vontade de Deus é que vivamos em santidade, isso não significa que o Senhor tinha esse propósito especificamente para os Tessalonicenses e que para outra igreja e outras pessoas ele tem outra vontade. Nada disso. A vontade dele, expressa aqui, reflete sua vontade geral, pública, conhecida, que vale para todos os cristãos e que está explicitada na Bíblia do começo ao fim. Paulo, então, especifica, em três pontos, de forma prática, o que ele quer dizer com a afirmação de que a vontade de Deus é que vivamos em santidade.

Primeiro, o apóstolo diz: “por isso, mantenham-se afastados de todo pecado sexual”. O termo no texto original, em grego, que foi traduzido por “pecado sexual” é, mais uma vez, *porneia.* Trata-se, como já vimos, de um substantivo que designa qualquer atividade sexual fora do casamento heterossexual e monogâmico.

Segundo, “Cada um deve aprender a controlar o próprio corpo e assim viver em santidade e honra”. Isso significa que devemos dominar os desejos e as paixões sexuais que nascem dentro de nós. Essas paixões e esses desejos sexuais não são errados em si, porque Deus nos criou com vontade sexual; o erro é expressarmos e satisfazermos esses quereres com a pessoa errada, no momento errado e da maneira errada.

Essa expressão “aprender a controlar o próprio corpo e assim viver em santidade e honra” foi uma decisão dos nossos tradutores do Novo Testamento, porque o texto grego diz, literalmente, que cada um de nós deve aprender a controlar o próprio *vaso* e assim viver em santidade e honra. A palavra “corpo” é uma interpretação, pois a tradução literal é *vaso*.

Há várias possibilidades de tradução, tanto que cada versão da Bíblia em português opta por interpretações diferentes. É possível, por exemplo, entender que “vaso”, aqui, refere-se à esposa e, gramaticalmente, as traduções possíveis são: “Cada um deve aprender a obter uma esposa e assim viver em santidade e honra” e “Cada um deve aprender a tratar a própria esposa em santidade e honra”. Mas, se você entender que “vaso”, aqui, se

refere ao seu corpo, então a melhor interpretação é mesmo “controlar o próprio corpo”.

Eu entendo que essa é a tradução correta porque é sobre essa questão específica que Paulo está tratando nesse contexto, ele não está falando, ainda, de casamento. O apóstolo menciona o matrimônio mais adiante, mas, por enquanto, está tratando da relação de indivíduos com a área sexual. Essa interpretação não exclui a outra, pois aprender a controlar o próprio corpo e assim viver em santidade e honra envolve saber se relacionar corretamente com a esposa, mas, no contexto, é o melhor entendimento.

Portanto, o que Paulo está dizendo aqui é que cada um de nós deve usar o corpo de maneira santa e honrosa. Eu não vou usar o meu corpo para me deitar com uma prostituta, para fazer sexo com o namorado, para transar com uma pessoa que não é a minha esposa, para ficar me masturbando diante de uma tela de computador ou de *smartphone* ou para nenhum fim ilícito. Somente o usarei para aquilo que glorifica a Deus. Paulo está dizendo que Deus nos deu um vaso, que é o nosso corpo, e precisamos saber usá-lo.

Sem o entendimento da sublimidade dessa exortação, não fará sentido para você ir contra a corrente quando todos os seus amigos forem para a balada “pegar” três meninas por noite ou quando todas as suas amigas da universidade transarem com o namorado, enquanto você fica sozinha, quietinha, sofrendo *bullying* por ser virgem. Mas, se você aprender essas realidades bíblicas, compreendê-las e elas passarem a fazer sentido, então vai entender por que Deus diz que é preciso usar o seu corpo em santidade e honra.

Assim, é preciso conhecimento de que Deus nos fez à sua imagem e semelhança; que ele nos fez homem e mulher, macho e fêmea; que ele fez um homem e uma mulher, os casou para sempre e lhes disse que fossem fecundos e se multiplicassem; e que o casamento e a relação sexual representam o relacionamento de Cristo com a sua igreja. Se você sabe essas coisas, então terá

condições de controlar o seu corpo e usá-lo de forma santa e honrada.

Os deuses pagãos dos gregos e romanos eram imorais. Zeus, considerado o chefe do Olimpo grego, era um deus que, de vez em quando, tomava forma humana e descia para transar com as mulheres. Os filhos dessas relações imorais eram os semideuses, dos quais o mais famoso é Hércules. Se os deuses dos gentios eram assim, imagine seus seguidores!

Já você conhece a Deus. E, por isso, ele vai cobrar muito mais daqueles que o conhecem do que do gentio que não entende. O juízo começa pela casa de Deus (1Pe 4.17). Você conhece a Deus e sabe que a vontade dele é a sua santificação. Você sabe que o seu corpo é o templo do Espírito Santo e, por essa razão, tem de saber usá-lo de maneira santa e honrosa.

Terceiro, Paulo exorta: “Nesse assunto, não prejudiquem nem enganem um irmão”. O que Paulo está querendo dizer aqui é que você não crie expectativas em um irmão ou uma irmã que não poderá suprir. É o caso de namoros avançados, em que as mãos percorrem locais que não deveriam, despertando os desejos e a vontade, preparando para o ato sexual. Há namoros em que só falta ter penetração, porque o ato preparatório é feito completamente. O resultado é que cada um vai para casa se masturbar, para aliviar a tensão sexual. Portanto, a ideia é não criar expectativas que não poderão ser satisfeitas da maneira correta.

Infelizmente, dentro do meio evangélico há esses defraudadores. São pessoas que ofendem os seus irmãos nessa área. São aves de rapina, rapazes e moças que vão de namoro em namoro tendo relações sexuais com seus namorados. E não é raro vermos escândalos que envolvem até mesmo pastores, envolvidos em casos extraconjugais com membros da igreja de que deveriam cuidar.

Razões para fugir da imoralidade sexual

Em seguida, Paulo dá quatro razões para que as pessoas se abstenham da imoralidade sexual.

O juízo da desobediência

Primeira, “o Senhor punirá todas essas práticas”. Deus leva a sério a pureza do seu povo e ele executa juízo sobre aqueles que o desafiam e vivem uma vida de imoralidade. É claro que, se erramos, mas nos arrependemos sinceramente dos pecados, Deus nos perdoa, nos recebe e nos purifica de toda injustiça. Mas os que insistem em viver na imoralidade devem saber que o Senhor exerce disciplina.

Jesus é o salvador do pecador arrependido. Mas, da mulher ou do homem endurecido, que permanece no pecado de imoralidade, ele é disciplinador. A mão dele vai pesar sobre o imoral, nesta vida ou no dia do juízo. Ele é vingador dessas coisas. Ele vai assumir a vingança daqueles que foram sexualmente ofendidos. Cristo é nosso redentor, de braços abertos para receber pecadores arrependidos, mas pronto a se vingar daqueles que defraudam os irmãos, vivem em imoralidade e não derramam uma lágrima sequer, não se arrependem nem mudam de vida.

Alguém poderia dizer que essa psicologia de Paulo é terrível, pois está querendo que as pessoas mudem por causa do medo. Acredito que é melhor se converter e ir para o céu porque temeu do que não ter temor nenhum e ir para o inferno. Essa estratégia de Paulo — que não é dele, é da Bíblia toda, que nos adverte a respeito da prestação de contas — tem o seu valor e a sua importância.

A realidade é que, se você continuar na sua vida de imoralidade, quebrando o sétimo mandamento, vivendo dessa forma, não verá Jesus como Salvador, mas como Vingador, que virá com a espada da justiça de Deus contra você.

O chamado evangélico

Segunda razão para se abster da imoralidade sexual: “Deus nos chamou para uma vida santa, e não impura”. O chamado, aqui, é o do evangelho, aquele que o Espírito Santo realiza em nosso coração pela pregação da Palavra e pelo qual Deus nos chama a si e nos faz seus filhos. Paulo, aqui, quer levar os crentes a refletir

sobre o fato de que Deus nos chamou, pelo evangelho de Cristo, para viver de modo santo.

Deus não nos chamou, dizendo: “Você foi perdoado dos seus pecados, está justificado, pode viver à vontade, já que, uma vez salvo, salvo para sempre”. Nada disso. O chamado do evangelho é: “Eu o amei, vou perdoar os seus pecados, você é meu filho e, porque fiz tudo isso, você viverá de maneira santa e agradável a mim, pois eu sou Santo”.

O evangelho de Cristo não é uma desculpa para ninguém viver na imoralidade, como muitos fazem, escorando-se no fato de que Deus é bom, compassivo e misericordioso.

Rejeição à pureza é rejeição a Deus

Terceira razão para se abster da imoralidade sexual: “quem se recusa a viver de acordo com essas regras não desobedece a ensinamentos humanos, mas rejeita a Deus”. Paulo está afirmando que recusar-se a viver de acordo com os mandamentos divinos para a sexualidade sadia não é rejeitar o que ele próprio, um ser humano pecador, ensinou.

O apóstolo deixa claro que seus ensinamentos não são sua opinião pessoal, mas o querer divino. Ele estava consciente de que aquilo que estava escrevendo era Palavra de Deus. Por essa razão, rejeitar o que Paulo estava dizendo não era repudiar um código de ética moralista estabelecido por aquele judeu, ex-fariseu. Pelo contrário, era rejeitar a vontade do próprio Deus, que falou por meio dele.

A rejeição a essas verdades é a rejeição a Jesus Cristo, que morreu para livrar os cristãos de toda iniquidade, purificar para si um povo seu, zeloso de boas obras. Quem rejeita essa mensagem não está rejeitando um homem, mas o Espírito Santo.

Essa é uma verdade muito séria. Se você está lendo estas verdades e permanece resistindo e procurando justificativas para continuar a viver sua vida de imoralidade, não é a mim, Augustus, que está resistindo. Eu apenas estou expondo a Bíblia nestas páginas e explicando o que o texto das Escrituras significa. É ao próprio Deus que você está rejeitando.

Se você teimar em resistir a Deus, quem você acha que vai ganhar essa queda de braço? O que você pensa que vai ganhar com sua rejeição, a fim de continuar no adultério, na pornografia, na fornicação, na masturbação? O que se ganha com isso é apenas a vingança de Cristo no dia do juízo.

Dependência do Espírito Santo

Quarta razão que Paulo apresenta para vivermos de modo sexualmente puro: “Deus [...] lhes dá seu Espírito Santo”. Alguém pode duvidar que seja possível obedecer a tais ensinamentos. Não é raro céticos questionarem como seria possível um cristão, jovem ou adulto, viver de modo puro no mundo em que vivemos, alegando que seria impossível. Mas tenho certeza de que é possível, sim. Falo por experiência.

Como relatei no início deste livro, vivi de modo imoral até os 23 anos, com práticas sexuais regulares, procurando prostitutas e lidando com doenças venéreas. Até que Cristo me alcançou e mudou minha vida. A vez seguinte que me relacionei sexualmente foi somente cinco anos depois, quando casei. E, durante todo esse período, Deus, pela sua graça, me preservou.

Se o Senhor pôde fazer isso comigo, justamente na época em os hormônios mais estavam fervilhando, por que não pode fazer o mesmo com você? Por acaso você é diferente? Não, pois minha santidade naqueles cinco anos não foi fruto de algo em mim, mas do Espírito Santo, que gera domínio próprio naqueles que o buscam.

Você pode, sim, viver em pureza, santidade e castidade, esperando o momento em que vai encontrar a pessoa certa, casar e desfrutar com alegria e legalidade diante de Deus da bênção que são as relações sexuais.

Você pode se questionar: “Como vou cumprir tudo isso? Como vou fugir da imoralidade? Como vou saber usar o meu corpo da forma correta? Como vou me importar com respeito com o meu próximo na área sexual? Como vou escapar da vingança de Cristo sobre aqueles que fazem tais coisas? Eu me sinto tão fraco, tão tentado e já caí tantas vezes!”. Aqui está a sua oportunidade.

Esse Deus que é Vingador é o mesmo que lhe dá, também, o Espírito Santo, exatamente porque você não consegue viver de acordo com esse padrão. A prova é que você vive caindo na imoralidade há anos, vez após vez. Pelo poder do Espírito Santo, nós podemos mortificar o desejo de lascívia, usar nosso corpo da forma correta, respeitar os irmãos e fugir da imoralidade. Sempre que confiamos em nós mesmos, terminamos na lona.

E é por isso que Paulo termina com esta linda e encorajadora palavra de esperança: Deus nos dá o Espírito Santo! E, por sua força, ele é totalmente capaz de produzir santidade em nós. Você pode recorrer a Deus, confiar, chegar-se a ele e depender desse Ser maravilhoso. Diga-lhe: “Senhor, eu quero confessar os meus pecados, as minhas falhas e a minha impossibilidade de, por mim mesmo, viver uma vida santa e reta. Eu quero ser cheio desse Espírito! Quero experimentar essa iluminação divina em minha vida, essa libertação da imoralidade que me prende e que fere a minha consciência, a ponto de frequentemente eu duvidar de minha conversão. Mas teu Espírito Santo me é dado exatamente para me consolar, guiar e libertar”.

Se você é crente em Jesus de verdade e vem sofrendo com a prática da imoralidade, eu sei que almeja essa libertação. E a Palavra de Deus nos garante que ele está de braços abertos para receber todos os filhos e filhas que, penitentes, se curvarem diante dele, se humilharem, confessarem os pecados e disserem: “Senhor eu preciso de ti. Preciso da tua graça e da tua misericórdia”. É possível, acredite.

Oremos

Pai, chegamos diante de ti quebrados e vencidos por tua Palavra, mas, ao mesmo tempo, cheios de esperança, porque tu nos dás o Espírito Santo. Bendito Espírito, ilumina o nosso entendimento, fortalece o nosso querer, quebra os laços da impureza no nosso coração. Dá-nos força para fugir dos relacionamentos perniciosos. Dá-nos graça para perdoar nosso

cônjuge e recomeçar no casamento. Dá força para que o jovem solteiro possa resistir às tentações e ficar firme no propósito de usar o seu corpo de maneira santa e honrosa. Perdoa quando caímos, pois, arrependidos, buscamos reconciliação. Trata-nos com carinho, perdão e misericórdia, porque somos sujeitos às paixões humanas. Socorre-nos, por tua misericórdia. Em nome de Jesus. Amém.

5. O mal da pornografia

A pornografia é um mal que tem invadido lares, corações e mentes com uma força jamais vista, principalmente em função da facilidade de acesso proporcionada pela internet. E esse é um mal que não afeta apenas solteiros ou jovens em idade de descoberta da sexualidade: muitas pessoas casadas são aficionadas por pornografia, o que acaba causando sérios problemas para o casamento. Em meus anos afastado do evangelho, a pornografia fazia parte da minha rotina. Depois de minha conversão a Cristo, lutei ainda vários anos, até que Deus me livrou e deu graça para me purificar de todas aquelas imoralidades e imundices. Se você luta contra esse mal, acredite: eu sei do que estou falando e entendo pelo que você passa. E tenho plena certeza de que a libertação é possível.

A realidade é que nossos filhos estão muito mais expostos à pornografia que as gerações anteriores, em decorrência da chegada da internet e a consequente facilidade de acesso proporcionada pela tecnologia. E nós precisamos ajudá-los a vencer as tentações, que não são poucas.

O problema se agrava porque não se fala muito desse assunto nas famílias e nas igrejas. Às vezes, isso ocorre porque os pais e os pastores têm medo de despertar o interesse nos mais jovens, o que é um risco real. Contudo, por bem ou por mal, de um jeito ou de outro, embora não seja confortável, precisamos tratar do assunto — fugir dele não resolve nada.

Como vimos nos capítulos anteriores, o termo “pornografia” deriva do vocábulo grego *porneia* e significa, literalmente, “aquilo que se escreve sobre imoralidade sexual”. Com o tempo, essa expressão, que era usada somente para se referir a escritos

pornográficos, passou a se referir a qualquer material, escrito ou audiovisual, que tenha conteúdo sexual explícito.

Hoje, a palavra “pornografia” é vista com uma conotação negativa e é por isso que a indústria pornográfica, que produz filmes, revistas, vídeos e *websites*, prefere usar outros termos, como “material adulto”. Mas o fato é que, tenha a nomenclatura que tiver, a pornografia é a representação da nudez e do comportamento sexual humano com o objetivo de produzir excitamento sexual. Ela é deliberada e sua finalidade assumida é provocar excitação — por isso, a pornografia e a masturbação sempre vêm juntas, porque ninguém se masturba pensando nas Cataratas do Niágara. Sempre é preciso haver um estímulo visual, psicológico ou emocional. Portanto, essas coisas andam juntas.

Praticamente todo meio de comunicação tem sido usado e corrompido para transmitir a pornografia, como imagens animadas, filmes, vídeos computadorizados, fotografias, desenhos, textos escritos ou falados; enfim, qualquer forma de comunicação que exista tem sido usada para transmitir algum tipo de conteúdo pornográfico e erótico.

A questão na Bíblia, na história, na sociedade e na igreja

Como era detentora da revelação de Deus, a nação de Israel, ao contrário dos povos que viviam ao seu redor, mantinha uma atitude reservada com relação à exposição dos órgãos sexuais e da nudez. Gênesis revela que o Senhor cobriu a nudez do primeiro casal logo após a Queda. O texto diz, inclusive, que, depois que Adão e Eva caíram, eles mesmos procuraram fazer roupas para se cobrir, o que mostra que a consciência da nudez e a vergonha pela exposição dos órgãos genitais aconteceu logo em seguida à Queda. Antes, não havia essa preocupação (Gn 2.25; 3.7, 10-11).

Adão e Eva tentaram cobrir a nudez com folhas, uma cobertura ineficiente. Por isso, Deus os cobriu com peles de animais. Essa cobertura já mostra a linha que a Bíblia segue com relação à exposição da nudez humana e dos órgãos sexuais.

Questões bíblicas

Para quem crê na Palavra de Deus, o pecado do primeiro casal, suas consequências e a resposta de Deus já deveriam servir como uma palavra de alerta. Mas o texto vai além. Ainda em Gênesis, vemos o relato de como Cam, o filho de Noé, foi condenado por ter visto a nudez de seu pai (Gn 9.22-27).

Noé se embriagou, acabou ficando nu em sua tenda, Cam não tomou atitude alguma e, talvez, tenha até zombado dele, enquanto seus irmãos cobriram a nudez do pai sem dirigir-lhe o olhar. Como resultado, Cam foi repreendido e castigado.

Os manuscritos originais da Bíblia usam eufemismos, com frequência, quando descrevem órgãos ou relações sexuais. Em vez de falar de modo explícito, o texto original, em hebraico, tenta usar uma linguagem que não provoque a imaginação. Em Levítico 18, por exemplo, traduções em português que usam a equivalência formal (literalidade dos termos e, não, do sentido original), como a Almeida Revista e Atualizada e a Almeida Revista e Corrigida, adotam a forma "não descobrirás a nudez". Já as traduções mais recentes optam em muitas partes do texto pela equivalência dinâmica (preferência pelo significado em vez de pela literalidade), como a Nova Almeida Atualizada ("não tenha relações com") e a Nova Versão Transformadora ("não tenha relações sexuais com").

Outros exemplos são Deuteronômio 23.1, onde se lê "Aquele a quem forem trilhados os testículos ou cortado o *membro viril* não entrará na assembleia do Senhor", e 1Coríntios 12.23, onde o apóstolo Paulo simplesmente refere-se aos genitais como "os [membros do corpo] que em nós não são decorosos". Assim, vemos que a Bíblia usa, nos originais, uma linguagem eufêmica, exatamente para não provocar a imaginação. Deus não deseja que sejamos excitados pela leitura da Escritura.

O décimo mandamento, listado no Decálogo, estabelece: "Não cobice a casa do seu próximo. Não cobice a mulher dele, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem qualquer outra coisa que lhe pertença" (Êx 20.17). Esse texto fala sobre não cobiçar qualquer mulher que não seja a sua. No Sermão do Monte, Jesus interpreta essa passagem e diz: "Vocês ouviram o que foi dito:

‘Não cometa adultério’. Eu, porém, lhes digo que quem olhar para uma mulher com cobiça já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5.27-28). Alguém acha ser possível ver pornografia sem quebrar essa norma? Como mulheres também consomem pornografia, o versículo também vale para elas. Pornografia fere o décimo mandamento.

O patriarca Jó, por sua vez, disse: “Fiz uma aliança com meus olhos de não olhar com cobiça para nenhuma jovem” (Jó 31.1). O que ele está dizendo é que se comprometeu a só colocar os olhos no que é legítimo e naquilo que ele poderia ter. Jó era casado e tinha vários filhos. Se o patriarca fixasse os olhos em uma mulher que não a dele, estaria faltando com seu propósito de fidelidade à esposa. É o que costumo chamar de “regra da segunda olhada”: você não pode evitar que passe na sua frente uma pessoa do sexo oposto tentadora e provocante e, por isso, a primeira olhada acontece sem intenção. Já a segunda é complicada e denota intencionalidade. É sobre isso que Jó está falando.

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo estabelece: “Por fim, irmãos, quero lhes dizer só mais uma coisa. Concentrem-se em tudo que é verdadeiro, tudo que é nobre, tudo que é correto, tudo que é puro, tudo que é amável e tudo que é admirável. Pensem no que é excelente e digno de louvor” (Fp 4.8). Essa é a relação de tudo o que deve ocupar nosso pensamento. Pornografia se encaixa nisso? Responda você.

Questões históricas e sociais

A pornografia aparece em praticamente todas as culturas de que temos conhecimento, inclusive as antigas. A arqueologia revela exemplos de representações gráfica dos órgãos genitais e de relações sexuais humanas. Por exemplo, em muitas das paredes de templos pagãos canaanitas foram descobertos grafismos de órgãos sexuais masculinos e femininos.

Você poderia se perguntar o que um desenho de um órgão sexual estaria fazendo na parede de um templo. Vimos a resposta nos capítulos anteriores, quando expliquei que muitas das religiões pagãs dos séculos passados envolviam a prostituição cultual. Não

era raro sacerdotisas serem prostitutas, pois se deitavam com os adoradores para encenar a fecundação da terra. Eram religiões de culturas pastoris, ligadas aos ciclos e às estações do ano, e misturavam o relacionamento sexual com religião. Há várias referências, no Antigo Testamento, às prostitutas e aos prostitutos cultuais que participavam desse tipo de coisa (1Rs 14.24; 15.12; 22.47; Jó 36.14).

A antiga civilização grega usava temas pornográficos em canções empregadas nos festivais em honra ao deus Dionísio, séculos antes de Cristo. Dionísio é o nome do deus grego, mas ele é mais conhecido pelo seu nome romano, Baco, o deus do vinho, de onde deriva a palavra "bacanal" — orgia regada a vinho onde havia manifestações sexuais. A arqueologia já revelou que havia canções com conteúdo pornográfico que foram compostas para ser entoadas nessas ocasiões. Nas ruínas romanas de Pompeia, cidade destruída pela erupção do vulcão Vesúvio, no ano 79, há pinturas pornográficas e desenhos de órgãos genitais nas paredes de algumas edificações e até mesmo nas ruas.

A pornografia também era usada em algumas culturas orientais antigas, como na Índia, no Japão e na China. Um exemplo é o livro *Kama Sutra,* uma obra milenar que contém gravuras das mais grotescas formas de relação sexual. Na Europa ocidental, o livro *Decamerão*, escrito pelo italiano Giovanni Boccaccio, entre 1348 e 1353, é abertamente pornográfico e teve grande circulação.

Em tempos modernos, cinema, televisão, vídeo, TV a cabo, internet, *smartphones* e outros meios tornaram a pornografia amplamente disponível a todos. A indústria pornográfica cresceu de forma massiva, pois as pessoas passaram a consumir seus produtos em casa, sem precisar ir ao cinema ou a bancas de jornais. Se, antes, era necessário haver uma exposição em locais públicos para adquirir pornografia, hoje, com um clique, dentro do seu quarto, qualquer pessoa tem acesso a um vasto material pornográfico, a custo baixo ou, mesmo, zero.

Fato é que a *cyberpornografia* tornou-se a forma mais popular de pornografia, a ponto de preocupar os governos de certos países. As sociedades vêm debatendo há muito tempo se o material

pornográfico deveria ser censurado, de que maneira se poderia distinguir nudez artística de pornografia e quais as reais consequências sociais e psicológicas do consumo de pornografia. Existem debates, fóruns e comitês em diversos países que procuram analisar o fenômeno e tentar se posicionar com relação a ele. O único consenso é que a pornografia infantil é considerada ilegal na totalidade dos países.

Essa discussão raramente envolve questões religiosas, mas tem relação com aspectos econômicos. Por um lado, a pornografia é uma indústria em expansão, que gera bilhões de dólares anuais em impostos. Por outro lado, as estratégias governamentais de contenção do avanço da imoralidade são uma reação ao aumento, em grande escala, da violência contra a mulher, da Aids, da gravidez de adolescentes, da promiscuidade e da prática do aborto, questões que custam muito dinheiro ao governo.

As críticas e os ataques à indústria pornográfica e aos seus consumidores vêm, geralmente, de evangélicos e católicos conservadores. Os argumentos dos religiosos contra a pornografia são a imoralidade, o fato de o sexo ser reservado para o casamento e a constatação de que a pornografia aumenta a violência na sociedade. Esse último argumento é o único que a sociedade pós-moderna ainda ouve quando a igreja fala, pois o existencialismo, o relativismo e o hedonismo do mundo contemporâneo criaram a ideia de que a verdade é relativa e que moral para um não precisa ser a mesma que para outro. Naturalmente, para quem pensa assim, os argumentos religiosos são irrelevantes.

Curiosamente, outro ataque à pornografia vem de uma ala do movimento feminista, que a considera parte da agenda machista, algo que degrada a mulher e induz a violência contra ela. E isso é uma verdade. Quem mais consome pornografia são os homens, embora, hoje, as estatísticas mostrem que esse número está ficando igual entre ambos os sexos. Essa ala do movimento feminista é contra pornografia não por valores morais ou convicções cristãs, mas porque a considera machista.

O problema na igreja

Infelizmente, a pornografia tem causado muitos estragos dentro das igrejas. Há muitas pessoas dentro das comunidades cristãs que poderiam ser chamadas de *voyeurs*, termo usado para descrever aqueles que têm prazer observando outras pessoas nuas ou praticando relações sexuais. Esses homens e mulheres não praticam o ato com outro indivíduo, mas se satisfazem pelos olhos. O *voyeur* não interage diretamente com o objeto do seu prazer, mas reage por meio da masturbação.

Pesquisadores estimam que, nos Estados Unidos, mais de 50% dos homens evangélicos são afetados pelo problema, inclusive os casados. No Brasil, onde não há estatísticas confiáveis sobre a questão, a facilidade de se obter material pornográfico é a mesma que nos Estados Unidos e, para piorar, a igreja não é tão ativa no combate a esse mal. Então, provavelmente, em nosso país, a porcentagem não deve ser menor que essa e é possível, até, que seja maior.

Argumentos em defesa da pornografia e respostas a eles

Tudo o que vimos até aqui mostra que a pornografia é algo errado em todos os sentidos. Lamentavelmente, há quem defenda que se legalize absolutamente todo tipo de pornografia, inclusive a infantil. Essas pessoas, que ganham voz cada vez mais forte na sociedade, usam diversos argumentos.

O argumento da arte

Os defensores da pornografia dizem que esse tipo de exploração da sexualidade humana é arte e que suas manifestações simplesmente exploram a beleza natural da nudez humana e das relações sexuais. A resposta social a isso é que a indústria pornográfica produz bastante material sexualmente explícito no qual a mulher é degradada e humilhada. Não há nada de arte nisso.

Além disso, há a resposta bíblica. Como já vimos, após a Queda, o Criador determinou que a nudez fosse coberta por peles de animais, porque a inocência da humanidade havia sido

corrompida. Em Levítico 18, que lista os tipos de relacionamento que Deus permite ou proíbe, as relações sexuais são descritas como “descobrir a nudez”. A conexão é que a nudez só pode ser descoberta no ambiente do casamento: cobriu-se na Queda, descobre-se no ato sexual de casais unidos pelo matrimônio.

O argumento da estatística

Os defensores da pornografia também alegam que a Bíblia está mais preocupada com dinheiro e materialismo do que com nudez e cobiça. Quem usa esse argumento faz uma estatística de quantas passagens bíblicas falam contra o uso errado do dinheiro, quantas tratam do apego aos bens materiais e quantas mencionam a imoralidade e a nudez e chegam à conclusão de que há muito mais passagem bíblicas falando contra a idolatria ao dinheiro e o materialismo do que sobre imoralidade sexual. Logo, dizem que não devemos nos preocupar com pornografia, mas com a idolatria ao dinheiro.

Os indivíduos que recorrem a esse argumento acusam os cristãos de serem obcecados com pornografia, mas esquecem que os produtos dessa indústria também divulgam muita violência, materialismo e bruxaria. Embora a Bíblia tenha muitas passagens contra o mau uso do dinheiro, ela também tem muitas outras contra a imoralidade sexual e a impureza mental.

Portanto, a resposta certa para esse argumento é que devemos combater todos os problemas e não escolher entre um e outro.

O argumento da falta de provas

A argumentação em favor da pornografia defende, ainda, que não existem provas conclusivas de que ela seja prejudicial. Nossa resposta é que se trata justamente do contrário: muitos estudos comprovam que existe uma relação entre consumo da pornografia e violência contra mulheres e crianças; crescimento dos índices de doenças venéreas e da Aids; e aumento do número de abortos, divórcios e maternidade na solteirice.

O papel decisivo da pornografia na escalada da imoralidade e as suas consequências danosas são muito evidentes. Não há como não ver a associação entre tais fenômenos. Como pastor, acostumado a prestar aconselhamento a incontáveis famílias em crise, subscrevo plenamente essa percepção.

O argumento da liberdade de expressão

Os defensores da pornografia argumentam que o direito à livre expressão assegura a publicação e o consumo de material do gênero. A resposta é que, de fato, há uma legislação que permite a liberdade de expressão, mas os cristãos submetem sua consciência, antes de tudo, à lei de Deus.

Se, por um lado, a Escritura reconhece a individualidade e a liberdade das pessoas de ver e publicar o que quiserem, por outro, a Bíblia traça limites claros sobre aquilo que se pode ver e aquilo com que se deve ocupar a mente. Se é verdade que as pessoas podem publicar o que bem entenderem, dentro dos limites da lei, isso não significa que eu tenho de ver o que elas publicam.

O argumento de que cristãos podem consumir pornografia por conta da legislação que garante a liberdade de expressão vai contra uma lei maior, que está acima da lei do Estado — os limites daquilo que as Escrituras me dizem quanto ao que eu posso ver, expressar e com que ocupar a minha mente.

O argumento da terapia

A quinta tentativa de justificativa dos defensores da pornografia para tentar validar suas ações é a ideia de que ela poderia ser usada de forma “terapêutica” por pessoas que se encontram solteiras, viúvas, solitárias ou isoladas por motivos de saúde. Geralmente, nesses casos, a pornografia está associada a masturbação. Segundo essa mentalidade, consumir pornografia, seguida de masturbação, seria como uma espécie de terapia, de alívio para essas pessoas.

A resposta a isso é que o uso de tais recursos como meio de extravasamento do impulso sexual viola os princípios da Palavra de Deus. Não é, portanto, uma saída que está de acordo com a

vontade divina. Para aqueles que querem seguir a Escritura, ela é a única regra de fé e prática. É por meio dela que examinamos todas as questões e decidimos o que fazer em todas as áreas de nossa existência.

O argumento do despertamento sexual

Por fim, os defensores da pornografia acreditam que a pornografia pode ser usada como meio de despertamento sexual para os casados, quer individualmente, quer juntos. Dizem os tais que filmes eróticos motivam o casal a ter relações sexuais.

A resposta a isso é que os fins não justificam os meios. A impureza sexual é pecaminosa, logo, nunca poderá ser usada como pretexto de ajuda a casais crentes. Já ouvi até sobre “pornografia evangélica”, cujos produtores garantem que os casais que aparecem na tela tendo relações sexuais são casados e evangélicos. Assim, dizem, o consumidor poderia ficar tranquilo, pois não estaria sendo cometido nenhum adultério. A questão é que isso não soluciona nada! Afinal, aquele ato será visto por outros, que o contemplarão e darão asas à imaginação. Logo, é incitação ao adultério e exposição à imoralidade.

Que mal há em consumir pornografia?

Podemos perceber que os argumentos em favor da pornografia não levam em conta qualquer questão de valor moral ou espiritual. A argumentação é terapêutica, pragmática, social e legal, mas não leva em consideração a questão bíblica principal: a pornografia viola princípios da Escritura. Além disso, há diferentes consequências nefastas do consumo de pornografia.

O mal do crime

Consumir material pornográfico é contribuir com uma das indústrias pecaminosas mais florescentes do mundo e que, algumas vezes, é controlada pelo crime organizado. A indústria pornográfica apoia e promove a indústria da prostituição e, em grande monta, da exploração infantil.

Portanto, toda vez que alguém consome algum de seus produtos, está contribuindo para a manutenção e a expansão de uma das maiores redes de violência, corrupção e criminalidade no mundo. Há cartéis inteiros, máfias, que eventualmente controlam a produção desse tipo de coisa.

O mal das cicatrizes

Consumir pornografia deixa cicatrizes pelo resto da vida. As imagens ficam gravadas na mente, continuam lá para sempre e vêm à tona, trazendo excitação sexual. É algo similar a fumantes que, mesmo tendo deixado o cigarro, permanecem com manchas nos pulmões ainda por muito tempo.

A pornografia se alimenta de nossa fascinação pelo que é proibido e sempre nos leva a querer galgar novos patamares de excitação. *Voyeurs* vivem no mundo da fantasia sexual, experimentando sexo na solidão e no isolamento e afastando-se de pessoas reais. Há, sim, um impacto psicológico em gente que consome pornografia. Não poucas vezes, deparamos com casais que perderam o interesse pela relação sexual justamente porque são consumidores de pornografia.

O mal da escravidão espiritual

O consumo de material pornográfico escraviza a pessoa. Muitos cristãos, inclusive, vivem em conflito, escravizados pela pornografia. Essa derrota afeta a certeza da salvação; estremece o relacionamento com Deus; e tira a vontade de ir à igreja, participar da escola dominical, ler a Bíblia, orar e testemunhar de Cristo.

Esse fenômeno ocorre porque a consciência fica pesada. Com frequência, recebo mensagens pelas redes sociais de pessoas que questionam a própria salvação porque consomem pornografia e se sentem longe de Deus. Fato é que ser escravo da pornografia abala a vida espiritual do crente em Jesus.

O mal do pecado

À luz da Bíblia, a *porneia* é obra da carne (Gl 5.19). Curiosamente, é justamente todo tipo de relações sexuais ilícitas e

pecaminosas que compõe o material pornográfico amplamente vendido e distribuído por todo o mundo: “Quando seguem os desejos da natureza humana, os resultados são extremamente claros: imoralidade sexual, impureza, sensualidade...”.

A *porneia* é considerada obra da carne porque ela procede do coração corrompido do homem. Devemos lembrar do que Paulo fala em seguida: “quem pratica essas coisas não herdará o reino de Deus” (Gl 5.21). Portanto, a prática da imoralidade sexual é uma ameaça não só à pureza sexual, mas pode evidenciar falta de conversão e de salvação verdadeira.

O mal das sequelas

O consumo de pornografia por gente casada traz diversas sequelas. Uma delas é a comparação injusta entre o corpo do cônjuge e o dos atores e modelos que atuam e posam para peças pornográficas, o que provoca desinteresse sexual dentro do casamento.

Outra consequência do hábito de ver material pornográfico é que essa prática configura infidelidade, e, eventualmente, acaba abrindo a porta para o adultério. Não são poucos os casos de traições conjugais que começam com um dos cônjuges vendo pornografia, o que aguça o desejo por experimentar novidades. O que ele faz? Procura fora do casamento.

O consumo de pornografia também gera sequelas na relação dos pais com os filhos, pois tira do pai ou da mãe a autoridade para cobrar deles que não consumam peças pornográficas. Se o pai ou a mãe consome, com que autoridade dirá ao adolescente que não faça o mesmo? É o famoso “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Ou, em termos bíblicos, é hipocrisia.

Como se livrar da pornografia

Uma vez consciente da gravidade dessa prática, o cristão sincero e arrependido tem alguns meios para se livrar da pornografia.

Tolerância zero

O cristão viciado em pornografia deve começar adotando a regra da tolerância zero. Consumir um pouco que seja gera o desejo de consumir mais. Evitar radicalmente o acesso ao material pornográfico é o meio de interromper essa dependência. Para situações extremas, medidas extremas. Se necessário, se livre da televisão, do computador e do *smartphone* ou cancele a TV a cabo, peça ao cônjuge para colocar uma senha no seu *notebook,* o que for preciso. Parece radical demais? Para quem deseja, de fato, se livrar desse problema, não é. O caminho da tolerância zero é uma grande ajuda até que a pessoa ganhe forças para, então, poder caminhar com mais domínio próprio.

Vida devocional

Realizar práticas devocionais com o cônjuge é essencial. É importante ler textos bíblicos que falam sobre casamento, pureza e santidade; e orar juntos por esse assunto. No caso da pessoa cujo cônjuge está lutando contra esse vício, é preciso ter muita disposição para perdoar, pois a adição à pornografia por vezes é tão forte que lembra a de drogas ilícitas. O cônjuge que sofre desse mal deve conversar, em paz, com o outro, tendo a liberdade de dizer quando estiver se sentindo tentado. Sei que não é fácil, mas é preciso.

O mesmo se aplica aos solteiros, que devem cultivar uma vida devocional profunda e constante, mediante leitura e meditação na Palavra de Deus, seguidas de oração e súplica diárias ao Senhor por livramento e libertação. Sem isso, dificilmente o jovem conseguirá desenvolver uma mentalidade pura, que lhe dará forças para resistir à tentação.

Prestação de contas

A pessoa que está lutando contra a pornografia deve firmar um acordo de prestação de contas. O ideal é fazer um pacto com o cônjuge de falarem sobre esse assunto pelo menos uma vez por semana e sempre dizer a verdade. Se ela, por alguma razão, não conseguir (com medo de que o cônjuge peça o divórcio, por

exemplo), deve-se escolher um cristão de confiança e espiritualmente maduro, a quem prestar contas semanalmente. Depois de relatar como foram os últimos dias, deve-se orar com o confessor, que precisa ter a liberdade de exercer marcação cerrada a fim de ajudá-la. No caso de adolescentes e jovens, às vezes, os próprios pais podem ser os confessores.

Restrição do uso da internet

Em casos que não sejam extremos, deve-se ficar na internet apenas o tempo preciso, isto é, somente quando houver real necessidade, para trabalho ou estudo. Porque, muitas vezes, o que acontece é que a pessoa não tem o que fazer, entra *on-line* a fim de matar o tempo e acaba deparando com algo que a excita.

Busca de Deus

Busque a Deus! Isso deve ser feito constantemente, em oração, pedindo a libertação desse hábito pecaminoso. Se a pessoa cair, deve se arrepender, confessar o erro a Deus e ao cônjuge — se for o caso — e recomeçar a luta. Muitas vezes, não dá para cortar uma árvore grossa em um único dia. É preciso lutar para vencer o hábito. E lembre-se: “se confessamos nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9).

Abandono das conversas torpes

O irmão ou a irmã que deseja livrar-se da pornografia precisa evitar envolver-se com qualquer tipo de conversação torpe, seja pessoalmente, seja pelas mídias sociais. Paulo dá um mandamento claro: “As histórias obscenas, as conversas tolas e as piadas vulgares não são para vocês. Em vez disso, sejam agradecidos a Deus. Podem estar certos de que nenhum imoral, impuro ou ganancioso, que é idólatra, herdará o reino de Cristo e de Deus” (Ef 5.4-5). Se uma pessoa está acostumada a ficar escutando piadas e vendo videozinhos safados que aparecem nos grupos de trocas de mensagens, é de se perguntar quantas barreiras isso não vai

derrubar, abrindo a porta para a pornografia. Veremos mais sobre isso no próximo capítulo.

Vida sexual ativa

Para os casados, a prática regular das relações sexuais com o cônjuge contribuirá muito para mortificar os impulsos sexuais impuros. Casais que têm uma vida de relacionamento sexual plena, agradável e abundante sofre menos com a tentação de se envolver com pornografia.

Atenção aos filhos

O melhor caminho para casais que desejam evitar que seus filhos se tornem viciados em pornografia é falar francamente com eles sobre o assunto, sem deixar que aprendam sobre sexo na escola, com os amiguinhos ou com professores ateu e imorais. Além disso, proíba o uso da internet nos quartos ou em ambientes isolados e evite ver, em família, programas de TV com conteúdo erótico. Sempre é bom levar os filhos a uma vida de devoção, o que inclui decorar versículos bíblicos (como Filipenses 4.8), que servirão de apoio na hora da tentação. E incentive a prática de esporte. Tudo isso vai ajudar bastante o seu adolescente, que vive uma época da vida de grande tentação.

Oremos

Pai, obrigado, porque nos deste teu Espírito Santo. Obrigado porque ele habita em nós e testifica ao nosso espírito que, apesar dos nossos pecados, somos teus filhos — ainda que em processo de santificação, livramento e libertação. Graças por tua Palavra, que não nos deixa dúvidas a respeito do mal que há no consumo de pornografia. Ajuda todo aquele que está lendo este livro e é viciado nesse pecado, ou que, de tempos em tempos, visita sites pornográficos, para que vença a imoralidade que procede do coração corrompido. Dá-lhes graça e misericórdia. Em nome de Jesus. Amém.

6. O não e o sim

O apóstolo Paulo apresenta, na carta aos efésios, o que poderíamos chamar de dinâmica da santificação. Para explicar esse processo, ele o compara ao trocar de roupas: nós nos despojamos da roupa usada durante o dia, nos renovamos e vestimos uma roupa limpa. Paulo usa essa figura cotidiana para explicar que a santificação cristã funciona de maneira análoga: todo dia, precisamos nos despojar da velha natureza, do pecado e das suas obras, nos renovar por intermédio dos meios de graça — como leitura da Palavra, oração e comunhão com os irmãos — e nos revestir de Cristo e tudo aquilo que ele nos proporcionou na cruz.

Na vida cristã, esse processo é como caminhar pé ante pé: damos um passo negativo (dizendo *não* para o pecado) e, em seguida, um positivo (dizendo *sim* para Deus). Paulo expõe isso, na prática, ao escrever para os efésios: “Portanto, abandonem a mentira [*não* para o pecado] e digam a verdade [*sim* para Deus] a seu próximo” (Ef 4.25). “Quem é ladrão, pare de roubar [*não* para o pecado]. Em vez disso, use as mãos para trabalhar com empenho e honestidade [*sim* para Deus]” (v. 28); “Evitem o linguajar sujo e insultante [*não* para o pecado]. Que todas as suas palavras sejam boas e úteis, a fim de dar ânimo àqueles que as ouvirem [*sim* para Deus]” (v. 29).

Essas passagens deixam muito clara a dinâmica dos dois passos: “Não faça isso, mas faça aquilo”. Esses passos são essenciais para termos uma vida cristã equilibrada. Se enfatizarmos somente o *não,* vamos definir o cristianismo como uma religião focada em proibições. É como se o cristão fosse definido como aquele indivíduo que não pode mentir, roubar e se embriagar. Pergunte a um não cristão o que é um evangélico e ele dirá que é

uma pessoa para quem não pode fazer isto, isso e aquilo — um indivíduo que baseia sua vida na negação.

É evidente que a fé cristã pressupõe *nãos*, mas é infinitamente mais que isso. É não somente *não fazer* algo, mas *fazer* o que é certo. Seria muito bom se ouvíssemos as pessoas definirem o cristão como aquela pessoa que, por exemplo, diz a verdade, trabalha muito para poder ajudar os outros e só fala coisas que edificam. Seria maravilhoso se, em vez de nos definirem negativamente, os descrentes em Jesus nos definissem positivamente.

Em Efésios, Paulo nos apresenta justamente um caminho que pressupõe não apenas parar de cometer pecados, mas fazer o que é correto e edifica, uma vez que a vida cristã verdadeira e equilibrada pressupõe a convivência da dimensão do negativo com a do positivo: "Que não haja entre vocês imoralidade sexual, impureza ou ganância. Esses pecados não têm lugar no meio do povo santo. As histórias obscenas, as conversas tolas e as piadas vulgares não são para vocês. Em vez disso, *sejam agradecidos a Deus*" (Ef 5.3-4). Aqui, precisamos começar falando sobre o *não* de Deus para essa questão.

O apóstolo começa apresentando uma lista de pecados. O primeiro é a "imoralidade sexual", tradução do grego *porneia.* Em seguida, ele se refere a "impureza", o que remete à ideia de sujeira, daquilo que contamina. Esse é um termo que vem da linguagem sacerdotal e levítica do Antigo Testamento: quando uma pessoa se tornava impura, por ter quebrado alguma lei de Deus, tinha de se purificar, por meio do sangue de sacrifícios de animais oferecidos no altar por um sacerdote. É uma palavra muito carregada de teor religioso. A pessoa impura, por essa perspectiva, não podia ter contato com as outras até que fosse completamente purificada. Paulo era um rabino, treinado no judaísmo, e conhecia a linguagem do Antigo Testamento. Por isso, quando ele menciona "impureza", está se referindo ao que nos torna impuros diante de Deus e, por isso, impede nossa comunhão com ele.

Em seguida, o apóstolo menciona "ganância", do grego *pleonexia*, que pode ser entendida como "cobiça", isto é, o desejo

de querer ter sempre mais do que se tem. O ganancioso não se contenta com o que possui e, por isso, deseja o que é do próximo, seja a mulher, seja o emprego, seja o carro, seja a beleza.

Depois, Paulo menciona “histórias obscenas”, que são conversações torpes, indecentes, carregadas de conteúdo erótico, com observações maliciosas, eventualmente com palavrões e expressões chulas. Logo a seguir, ele fala de “conversas tolas”, isto é, bobagens, tolices, falas que não edificam. E a lista termina com “piadas vulgares”, ou seja, anedotas de conteúdo sujo, imoral.

Tudo isso é o tipo de atitude que devemos mortificar. Precisamos nos despir dessas práticas todos os dias. Ao se referir a essas atitudes, Paulo diz que elas “não são para vocês”. No original, em grego, a expressão utilizada aqui diz que não deveríamos nem chamar tais coisas pelo nome. Isso significa, na prática, que, por exemplo, se um amigo manda uma mensagem indecente por um aplicativo de *smartphone*, você não deve compartilhar. Se um colega conta uma piada suja, você não deve alimentar o riso. E assim por diante. Se tais coisas não são para nós e não deveriam nem ser nomeadas entre cristãos, quanto mais passar adiante, ecoar, amplificar.

Ter consciência dessa postura não é ser eticamente puritano ou fundamentalista. É simplesmente compreender que, se essa exortação está na Escritura, é porque há uma razão. Como Paulo diz que “Esses pecados não têm lugar no meio do povo santo”, devemos levar isso a sério. Não convém a quem é eleito de Deus, chamado pelo Espírito Santo e lavado no sangue de Jesus fazer esse tipo de coisa, que se opõe ao caráter de Deus.

Já me disseram: “Pastor, não seja tão radical. Hoje em dia, todo mundo fala assim”. É verdade, mas o cristão não é todo mundo. Fomos chamados por Deus para fazer a diferença. Às vezes, as pessoas pensam que a maneira de ganhar o mundo é falar como o mundo, vestir-se como o mundo, divertir-se como o mundo. Acham que viver como a sociedade que não tem compromisso com Deus estabelece uma espécie de ponte entre a igreja e ela, e que isso a atrairá a nós. Mas a história prova o

contrário: quando a igreja estabelece essas pontes, não é o mundo que vem para a igreja, é a igreja que vai para o mundo.

A igreja de Cristo é e sempre foi contracultura. Nós estamos no mundo, mas não somos dele. Não convém ficarmos falando palavrões, contando piadas imorais, compartilhando fotos indecentes e rindo em concordância com obscenidades.

O contraste

Seguindo o pensamento dos dois passos, já vimos o *não* de Deus para esse assunto, que é não praticar imoralidade sexual, impureza ou ganância, nem falar histórias obscenas, participar de conversas tolas e contar piadas vulgares. Mas, e o *sim*? Qual seria o *sim* de Deus, o contraste a essas proibições?

Naturalmente, somos levados a pensar que a oposição a esses pecados seria a santidade de vida, algo nessa linha. Porém, o que Paulo estabelece como antídoto a esses pecados? “Sejam agradecidos a Deus”. Curioso.

Em que sentido a gratidão a Deus é o oposto de imoralidade e ganância? Gratidão é demonstrada por atitudes que expressam que estou satisfeito e agradecido a Deus pelo que tenho. É, em resumo, a maneira de viver de uma pessoa que está feliz com o que ela é e com o que ela possui. É o indivíduo que agradece a Deus pelo carro que ele lhe deu, pelo cônjuge com quem se casou, pelo emprego que sustenta sua casa. A pessoa está contente, pois sabe que o Senhor é soberano e está no controle de todas as coisas. É lícito que ela se esforce para subir na vida, conseguir uma promoção ou comprar um automóvel melhor, mas esse indivíduo é grato por ter o que tem e ser quem é.

A pessoa agradecida a Deus não cobiça a mulher ou o marido, a casa, a piscina, a roupa, o cargo, o título, os bens ou o que quer que seja do seu próximo. Afinal, ela está feliz com o que possui. É nesse sentido que a gratidão é o oposto da imoralidade, pois, se você está contente e satisfeito e, por isso, agradecido a Deus, não vai procurar se satisfazer pulando a cerca ou agindo de modo a cobiçar o que não lhe pertence ou o que não é lícito.

Portanto, a gratidão é o oposto da imoralidade e da ganância porque demonstra um coração feliz com o que tem e que não precisa ir atrás do que não possui a fim de alcançar a plena satisfação.

Quais são os motivos que Paulo nos dá para que adotemos essa postura? Primeiro, como já vimos, ele explica que esses pecados não têm lugar no meio do povo santo. Segundo, “Podem estar certos de que nenhum imoral, impuro ou ganancioso, que é idólatra, herdará o reino de Cristo e de Deus” (v. 5). A pessoa descontrolada em suas paixões sexuais mostra com isso que ela não é de Cristo. Não estou dizendo que o verdadeiro cristão não possa cair em tais pecados, mas, se cair, precisa ser uma exceção, um acidente de percurso. Sua vida não pode ser marcada pela incontinência espiritual.

O cristão de verdade, infelizmente, corre o risco de errar e fazer o que não devia. Mas, se ele é crente em Jesus de fato, ao pecar ele vai se arrepender profundamente, amargar o que fez e desejar ardentemente que Deus pudesse levá-lo ao passado, para que fizesse a coisa certa. O cristão cheio do Espírito Santo que escorregou e pecou não quer nunca mais fazer o que fez; antes, se arrepende e torna-se disposto a assumir as consequências do seu erro. Já o indivíduo impuro até pode sentir um pouco de remorso, mas continua na imoralidade, no adultério, na fornicação.

Portanto, se você quer uma razão para abandonar a ganância e a imoralidade e viver com gratidão pelo que tem, a maior razão é que os que vivem nisso não fazem parte do reino de Cristo. Descontrolados na área sexual e na lida com o dinheiro não têm parte no reino de Deus: “Não se deixem enganar por palavras vazias, pois a ira de Deus virá sobre os que lhe desobedecerem” (v. 6). Essa é a manifestação da justiça retributiva, em que o Senhor trata o pecador como ele merece.

Você não está lendo este livro por acaso. O fato de você estar percorrendo estas páginas e sendo tocado pelas verdades bíblicas aqui expostas já é um sinal da graça e do favor de Deus para você. O Senhor o está chamando. Não importa quão profundamente você pecou, o Salvador o chama a se arrepender dos seus pecados, crendo em seu maravilhoso perdão. Se você

está se dando conta de que tem incorrido em pecado sexual, abandone esse caminho. Esse é o *não.*

Já o *sim* é a vida de gratidão pelo que você tem. Jesus lhe dá poder para você se levantar e quebrar seus hábitos sexuais pecaminosos, vivendo de forma plena, pura, limpa e cheia das alegrias proporcionadas por uma consciência limpa e pela comunhão com Deus.

Oremos

Pai, chegamos a ti em nome do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, agradecidos por tudo o que nos tens dado. Bendito seja o teu nome pelas bênçãos derramadas sobre nós, pelas quais te somos gratos. Perdoa a nossa ingratidão, quando cometemos imoralidade ou somos avarentos e cobiçosos. Senhor, enche nosso coração de alegria e satisfação, para que tenhamos contentamento neste mundo com o que somos e temos e, dessa forma, evitemos buscar aquilo que é ilicito. Em nome de Jesus. Amém.

Conclusão

Este livro tem como objetivo encorajar você a viver de forma sexualmente pura. Nossa meta foi tratar de alguns tópicos relacionados diretamente com esse assunto. Vimos como o sexo praticado antes e fora do casamento, longe de ser algo prazeroso, é uma ofensa ao Deus que instituiu o casamento como o ambiente onde o sexo deve ser desfrutado de maneira lícita e incrível. Vimos, também, que nosso Deus não é um estraga prazeres e que, no ambiente do casamento, ele nos permite ter uma vida sexual abundante e plenamente satisfatória.

Examinamos, ainda, a situação dos que não são casados e a beleza de uma vida de pureza para os cristãos solteiros. Alertamos para os perigos da pornografia e seus prazeres enganosos e apontamos como os que são viciados podem escapar dessa escravidão. Por fim, terminamos destacando a gratidão como a melhor maneira de evitar a imoralidade sexual.

Você certamente deve estar pensando se conseguirá viver de acordo com os padrões que Deus estabeleceu para o sexo e a sexualidade. Lembre-se de que Deus criou as regras bíblicas para o nosso bem, a fim de proteger você, seu cônjuge, seus filhos e sua família. Portanto, pode contar com a graça e o poder dele para caminhar em santidade e alegria neste mundo, sendo um solteiro puro ou um casado fiel.

Considere, ainda, que o Senhor Jesus já levou sobre si a culpa dos seus pecados na área da imoralidade. Você foi justificado mediante a fé em Cristo. Já não há mais nenhuma condenação da parte de Deus. Portanto, se você caiu em algum pecado, anime seu coração a buscar o Senhor, mediante Jesus Cristo, a fim de obter o perdão e a recomeçar a vida sexual de forma pura e santa diante

dele. Não continue traindo seu cônjuge, fazendo sexo com a namorada, consumindo pornografia e praticando a imoralidade. Mediante o poder de Deus e o perdão que ele nos dá, em Cristo, você pode se arrepender, levantar-se e começar uma nova vida.

Deus nos deu o Espírito Santo para ser nosso santificador. Pelo poder do Espírito, podemos mortificar a nossa natureza pecaminosa e fazer o que é certo. Sim, podemos ser cheios do Espírito e, desse modo, não praticaremos as obras da carne.

Queira Deus abençoar sua vida — é a minha oração final.

Sobre o autor

Augustus Nicodemus Lopes é pastor presbiteriano (IPB), escritor e professor. Casado com Minka Schalkwijk, é pai de Hendrika, Samuel, David e Anna.

Entre em contato com a GodBooks:
contato@godbooks.com.br

Acesse nosso *site*:
www.godbooks.com.br